Biblioteca Mauricio de Sousa
Mônica
1972
MAURICIO DE SOUSA EDITORA
PANINI COMICS
MAURICIO
ESPERE, POR FAVOR, MENINO! EU NÃO QUERO FAZER NENHUM MAL A VOCÊS!
O ASILO DOS ANOS PASSADOS!
AH! ESTA ALI!
FORA OS QUADRIGÊMEOS E TRIGÊMEOS!
NUNCA SOU DE NENHUM
FUI NA MINHA ÉPOCA!

SAIA DE CASA!
AH, AH, AH! IH, IH, IH!
COITADO DO CASCÃO!
POR QUE?
CABELINHOS AGARRADINHOS À CABEÇA?... PARECEM ATÉ UM BORRÃO DE TINTA, FEITO COM O DEDO!
ENQUANTO ISSO, OLHA O CHAVECO!... COM CABELOS À VONTADE!
FALOU, NÃO FOI?
ELE ESTÁ COM MEDO DO CARNAVAL PORQUE JOGAM ÁGUA NELE!
OH! ISSO ME DEU UMA IDEIA!
QUE IDEIA?
A GENTE PEGA A BISNAGA DE ÁGUA E DÁ UM SUSTO NELE!
CABELOS AOS MILHARES!
ACHO QUE SÃO MILHÕES... E TODOS AÍ, "FILMINHOS" NA CABEÇA!
EI! O QUE HÁ? ANDARAM VENDO FILMES DE ÍNDIOS?
...NADA DE ESCALPES NESTA HISTÓRIA, HEIN?
...ASSIM... VAMOS "PALA" CASA, E... "PLONTO"!
NÃO, SENHOR!
MÔNICA! VOCÊ ESTÁ BEM?
PRECISA DE ALGUMA COISA?
N-NÃO! ACHO QUE NÃO! FOI SÓ UM TOMBO!
MAS EU NUNCA HAVIA VISTO VOCÊ CAIR ASSIM!
DENTRO DE CASA NÃO POSSO ESCONDER MAIS NADA! ESTÁ TUDO CHEIO ATÉ A BOCA!
SÓ SE EU ENCONTRAR UM BOM ESCONDERIJO AQUI FORA!...
VAMOS, CEBOLA, LEVANTE-SE!
A PANCADA NÃO FOI TÃO FORTE!
FOI O PESO DO COELHO! FEZ-ME PERDER O EQUILÍBRIO!
!
VOCÊ ESTÁ PENSANDO A MESMA COISA QUE EU?
ESTOU! DESDE QUANDO O PESO DE UM COELHINHO DESEQUILIBRA A MÔNICA?
?!
NINGUÉM DESCONFIARÁ QUE HÁ OURO NESSE OCO DE ÁRVORE!
CEBOLINHA! CEBOLINHA!
OH! O QUE HOUVE?
VAMOS, CEBOLINHA, LEVANTE-SE!
GOSTALIA, MÔNICA, MAS A BATIDA DO SEU COELHINHO ME TILOU TODAS AS FOLÇAS!

Biblioteca Mauricio de Sousa

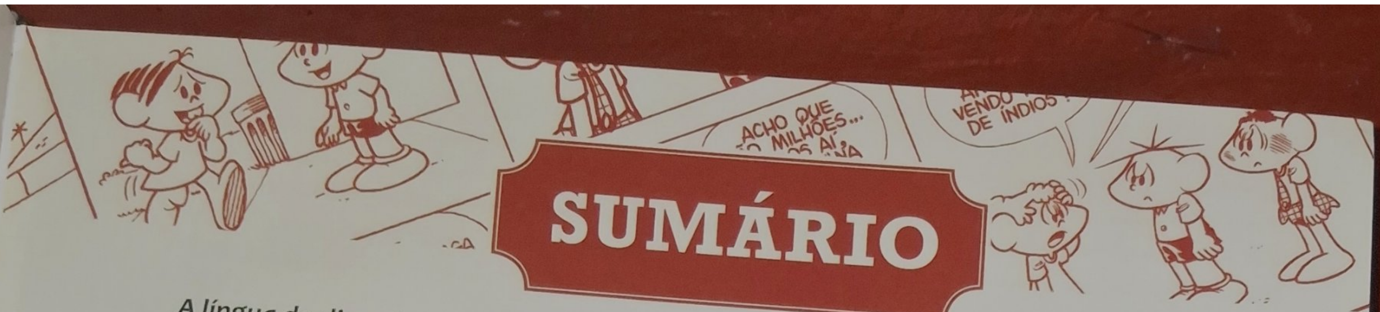
Mônica

1972

Mauricio

Mauricio de Sousa Editora

Panini Comics



SUMÁRIO

A língua do dia e da hora 8

Mônica #21 9

Feliz ano velho 10

Diversões 17

História muda 18

Vamos colorir 21

Horácio 22

Bidu 33

Chico Bento 36

A namorada do Piteco 37

Raposão 54

Chico Bento 60

Passatempo 62

Zé bissexto 63

Mônica 68

Mônica #22 69

O carnaval do Cascão 70

Diversões 77

Chico Bento 78

Diversões 80

Rita Najura 81

Bidu 84

Os romanos 85

Raposão 104

Horácio 110

Mother 119

Feche a persiana! 122

Passatempo 124

Não aponte o dedo 125

Bidu 130

Mônica #23 131

Queremos cabelo 132

Chico Bento 140

Na rede 142

Horácio 145

Penadinho 155

Zum e Bum 158

Chico Bento 161

O Astronauta 163

Tina 182

No mato sem cachorro 186

Mônica 189

Mônica #24 191

O domador 192

Bidu, venha tomar seu banho! 202

Tina 204

Um coelho na Lua 207

Passatempo 219

Horácio 221

A pedra ...225
O Astronauta ...232
Mônica ...248

Mônica #25 ...249
Minha doce Mônica ...250
Passatempo ...261
Maria e Cebolinha ...262
Divirta-se ...265
O valentão ...266
A espiã ...274
Bidu ...278
Os pigmicos ...279
O impostor ...283
Concurso de robustez canina ...295
Mônica ...304
Mônica ...306

Mônica #26 ...307
A ilha do Bidu ...308
Divertimentos ...323
Tina ...324
Mônica e o vendedor ...325
Horácio ...330
Bidu ...333
Raposão ...334
Passatempo ...336
Bidu ...337
Bidu ...340
O irmãozinho ...342
A chegada ...353
Tina ...364
Mônica ...368

Mônica #27 ...369
Tadinho do Cebolinha! ...370
Bidu ...377
Dia de banho ...380
Mônica ...385
Super-Horácio ...387
Tina ...400
Mônica ...401
Divertimentos ...402
O grande plano da Thuga ...403
O objeto de fazer amigos ...415
Cebolinha ...429

Mônica #28 ...431
A boa Mônica ...432
Joguinhos divertidos ...444
O Astronauta ...445
Bidu ...451
O napinha ...453
A árvore ...469
O grande mistério ...477
Meu pai é o bom! ...484
Mônica ...490

Mônica #29 ...491
À Mônica, com calinho ...492

Cebolinha..
Bidu 498
A ameaça de pedra..500
Magali..502
Super-Horácio..515
Tina..516
O garoto-propaganda 526
Anjinho 527
O guarda-chuva do Cebolinha 536
Passatempo..537
A sentinela do inferno..541
Cascão 542
....549
Mônica #30..551
A dieta da Mônica 552
Anjinho..558
Cebolinha dá seus pulinhos 559
Era uma vez... o Horácio 563
O "grilo" do Rolo..575
Planeta de aço 579
Magali..589
Um furo no guarda-chuva 590
Olé, Mônica!..593
Vamos brincar? 599
O gênio do Bidu 600
Controle-se, Mônica!..603
Cebolinha..608
Mônica #31 609
Mônica contra o Capitão Feio 610
Penadinho 625
Vida de cachorro 626
Horácio 630
O lixo 643
Ai, que fome!..646
Bidu 648
Vai pintar... 649
Flash 653
Divertimentos 656
O festival 657
"Ceborinha, né"?..663
Mônica..667
....669
Mônica #32..670
Árvore de Natal..683
Ah ah ah ah ah ah ah ah 688
Parquinho..689
Super-Horácio..700
Madame Mônica..707
Cebolinha..708
Amnésia..712
Perna de pau 716
Cascão 717
"Olha eu" aqui, gente! 721
Chico Bento 723
O embaraço..727
Cebolinha..728
Arquivos do Mauricio..

A língua do dia e da hora

Durante a carreira de Mauricio de Sousa, nas incontáveis entrevistas que concedeu, talvez a pergunta que o autor mais tenha respondido foi: "qual o segredo para os seus personagens seguirem encantando as crianças há tantas gerações?"

Mauricio sempre disse que não existia uma fórmula mágica para tamanho êxito, mas repetiu incansavelmente que um de seus lemas, transmitido a todos os roteiristas que trabalham em seu estúdio, era que os personagens deveriam falar "a língua do dia e da hora".

E, desde então, tem sido assim. Mas, afinal de contas, o que isso significa?

Neste novo volume da *Biblioteca Mauricio*, há bons e diferentes exemplos dessa tática adotada pelo pai da Turminha ao longo dos anos.

O primeiro e mais evidente é que, para gerar mais identificação com os pequenos leitores da revista, as histórias sempre traziam citações a coisas que estavam acontecendo no Brasil e no mundo.

Aí, temos o Xaveco cantando um sucesso da inesquecível Elza Soares, o Rolo citando Jerry Adriani e Beatles e a Pipa mencionando Silvio (Santos). Essa presença de atualidades de cada época foi – e continua sendo – vital para conquistar o público.

Outro aspecto importante estava na linguagem utilizada no núcleo da Tina. Como o movimento *hippie* era a novidade, os personagens desfilavam as gírias daquele início dos anos 1970 em seus balões de fala.

Era um tal de "grilou", "paz e amor", "badalar", "dar um plá" "brasa", "fossa" e muitas outras que pouco ou quase nada são usadas atualmente. Mas foi isso que atraiu o público.

O engraçado é que era comum ver a Tina dizer uma gíria num quadro e, logo em seguida, mandar uma frase com ênclise, como no "Vou-me embora", na edição 29.

E o que dizer das histórias do Chico Bento, em que o caipira mais famoso dos quadrinhos nacionais não se comunicava em "caipirês" ainda? E mais: dizia frases como essas à direita. Naquele tempo, era impensável reproduzir nos balões o jeito de falar do arteiro garoto da roça.

Felizmente, isso mudou. Os hábitos das pessoas, a forma de enxergar o mundo e a tal língua do dia e da hora seguem em evolução constante. Também nos gibis da *Turma da Mônica*.

Sidney Gusman

Arquivos do Mauricio

Por Paulo Back e Sidney Gusman

Nesta seção, a cada volume da *Biblioteca Mauricio de Sousa*, apresentaremos dezenas de curiosidades e informações sobre as histórias e os personagens. Prepare-se para descobrir verdadeiras preciosidades. Edição a edição.

Mônica # 21 (janeiro de 1972)

Em *Feliz ano velho*, rapidamente fica claro quem era o senhor que Franjinha e Bidu encontram no porão da casa. Por mais honesto e realista que o velho se mostre, a dupla dá um belo exemplo de otimismo, pureza e inocência. E ainda faz uma retrospectiva de coisas que ocorreram em 1971.

São citadas: a inundação que devastou Hanói, a interminável guerra do Vietnã, a campanha de vacinação infantil em massa (as gotinhas de Albert Sabin), a corrida espacial e o nascimento de quíntuplos. Uma boa maneira para começar o novo ano, sem dúvida.

Embora estejamos falando do ano de 1972, esta não foi a primeira vez que a história foi publicada. Ela saiu antes em uma série de tiras de Bidu e Franjinha, no caderno *Ilustrada*, da *Folha de S.Paulo*, a partir de 27 de dezembro de 1963. Com o mesmo roteiro, mas mudanças significativas. Uma delas, claro, é que o Ano Velho era 1963. E os eventos mencionados são diferentes, como um grande incêndio que ocorreu no Paraná.

Como Mauricio fazia um rodízio de tiras pelos jornais na época, várias sofriam um atraso na publicação. Esta, em especial, acabou sendo reaproveitada em 1966, em outro periódico.

Mas a história não termina aí. Em 31 de dezembro de 1981, a ideia foi reaproveitada nas tiras da Turma da Mata, na *Ilustrada*. O Ano Velho virou um coelho ancião e as citações dos filhotes eram sobre notas em provas e namoros.

Já sobre o Senhor Tempo, o outro velhinho da história, uma versão dele apareceu numa tira do Bidu, em 7 de julho de 1965, na *Ilustrada*, representando o "tempo que voa".

Originalmente, esta edição trouxe uma página especial com direito a chamada de capa. Afinal, 1971 foi muito especial para Mauricio de Sousa, que conquistou o cobiçado troféu *Yellow Kid*, então o Oscar dos quadrinhos mundiais, em Lucca, na Itália.

MÔNICA — A MAIS APLAUDIDA EM LUCCA

Na matéria, chama a atenção o Souza no sobrenome do autor – o que se repetia no expediente do gibi. Na época, o pai da Turminha ainda não havia adotado o "S", grafia que utiliza até hoje. Ele optou pela mudança por causa da forma agradável e sinuosa do "S", em vez pontudo e ríspido "Z".

O nome do prêmio vinha do personagem principal da série *Hogan's Alley*, de Richard Felton Outcault, lançada em 1894 e considerada uma das primeiras histórias em quadrinhos do mundo. Yellow Kid, inclusive, fez uma pequena participação em *Mauricio de Sousa – Biografia em quadrinhos*, lançado pela Panini em 2007.

Em 2009, o troféu foi um dos itens expostos na bela exposição *Mauricio 50 Anos*, que aconteceu no Museu Brasileiro da Escultura, em São Paulo. O Yellow Kid foi um dos primeiros e mais importantes prêmios que o autor recebeu em sua vitoriosa carreira. Além disso, pelo lançamento da revista *Mônica*, a Editora Abril levou o prêmio Gran Guinigi.

Um dos integrantes da delegação brasileira foi o jornalista Álvaro de Moya, um dos maiores especialistas em histórias em quadrinhos do país, que foi um grande amigo e incentivador de Mauricio, a ponto de receber uma homenagem (com um toque de caipirês) numa tira do Chico Bento publicada em 1971.

Aquela não foi a primeira viagem de Mauricio a Lucca. Ele já havia participado do Congresso Internacional de Quadrinhos em 1966, 1968, 1969 (quando recebeu a medalha Città de Lucca) e 1970, com direito a expor seus trabalhos.

Numa dessas viagens, ele posou para uma foto com o editor Jayme Cortez e um certo personagem, o bonequinho Mug. O brinquedo foi lançado na segunda metade dos anos 1960, com uma grande campanha (encabeçada pelo cantor Wilson Simonal), segundo a qual ele seria um talismã e traria boa sorte.

O boneco foi idealizado por dois produtores de televisão, que procuraram Mauricio para ajudar na divulgação.

Assim, por um tempo, Mug passou a integrar a galeria de personagens de Mauricio, junto a Bidu, Franjinha e Titi, numa tira publicada em 23 de agosto de 1966, na *Ilustrada*.

Nas seis tiras seriadas, um aterrorizado Bidu se indaga quem é o tal homenzinho que se instalou na sua casinha.

As tiras fizeram tanto sucesso, que deram a Mauricio a chance de criar mais em cima do boneco. Assim, o autor elaborou uma série de novas tiras contando a história do Mug e explicando seu suposto significado.

Com *gags* criativas, muito humor e imaginação, participavam delas cientistas, exploradores, homens das cavernas e até mesmo Lobo Mau e Chapeuzinho Vermelho – usando um enorme sombreiro, no melhor estilo mexicano!

Como o brinquedo era de pano, era fácil falsificá-lo. E logo cópias malfeitas tomaram conta dos camelôs pelo Brasil. Então, nas tiras, Mug ganhou seus vilões, os fajutos, que eram seus clones que se despedaçavam ao menor contato.

As tiras foram publicadas no jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro, entre 1966 e 1967, e hoje são relíquias vindas da mente de Mauricio de Sousa.

História muda é um exemplo de como um roteiro simples pode ser criativo. Para isso, o autor incorporou pequenas caixas com a descrição das cenas, "ensinando" os leitores a interpretá-las.

Vale notar o estilo do desenho, com grande influência dos curtas animados do estúdio UPA – United Productions of America, sempre com estilo inovador e personagens carismáticos (como Mister Magoo e Gerald McBoing Boing), que fizeram muito sucesso e ditaram moda nos anos 1960.

Mauricio não nega o quanto o estilo UPA influenciou o seu traço na época. Pode-se perceber isso no livro *Niquinho e a caixa da bondade*, de 1966, da editora FTD, que foi republicado em *Mauricio – O início*, da WMF Martins Fontes, em 2015.

Isso se estendeu para alguns personagens, como o Nico Demo, que queria fazer o bem, mas só metia os outros em enrascadas. Suas tiras saíram no *Jornal da Tarde*, de São Paulo, de 1966 a 1978, quando passaram para a *Folha da Tarde*.

Niquinho, que teve tiras publicadas no jornal *A Gazeta*, de São Paulo, entre 1968 e 1971, tinha características semelhantes às do Nico Demo. Só que, no fim, era ele quem se dava mal.

As duas séries eram carregadas de humor ácido. Nico Demo teve cerca de três mil tiras e Niquinho, aproximadamente mil.

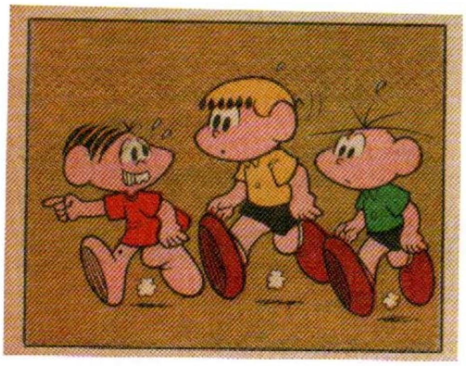
Outra influência da UPA foi em *Caixa Alta*. Com um desenho extremamente estilizado, Mauricio satirizava a vida dos ricos. Nas tiras, que saíram de 1966 a 1967, no jornal *Última Hora*, duas senhoras conhecidas apenas por "queridas" faziam piadas entre festas, eventos e colunas sociais.

Os Napões são criaturas misteriosas. São amigos do Horácio, mas algumas vezes se passam por inimigos. Nesta história, Mauricio de novo brinca com a imaginação ao utilizar cavernas profundas, lugares escuros, olhos brilhantes e seres misteriosos – desta vez, mais amedrontadores.

A versão original foi publicada no suplemento *Folhinha de S.Paulo*, entre 17 de abril e 12 de junho de 1966, com um traço bem diferente.

Durante vários anos, reis e rainhas se revezaram no comando do povo napolense. Não há nenhum motivo por trás disso, tampouco uma linha sucessória. Mauricio só não impunha regras ao seu universo e personagens podiam ser mudados dependendo do que o roteiro pedia.

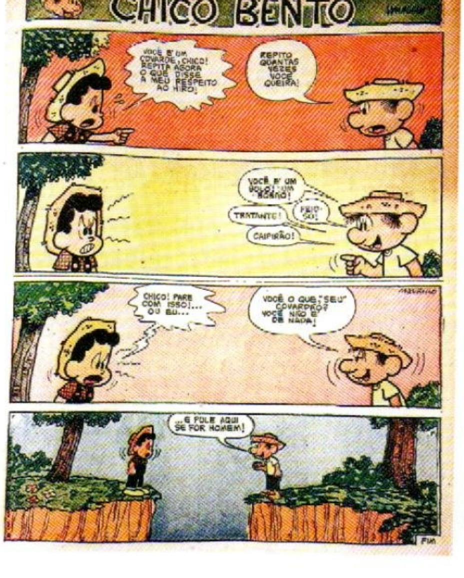
E o mesmo valia para as coroas (douradas, prateadas, pontudas, arredondadas, ora sobre o nariz, ora sobre a cabeça) e para os guardas reais, que em algumas histórias usam capacetes de tartaruga e em outras têm um carimbo na ponta do nariz.



Nas primeiras tiras do Mauricio, nos anos 1960, como acontecia nos desenhos animados, era comum esticar, amassar, achatar ou dar várias formas aos personagens. Pobre Bidu! Hoje, esse tipo de linguagem só permanece em alguns núcleos, como o do Penadinho.

Em 1972, um erro de cor (corrigido aqui) chamou a atenção: o Franjinha aparece de camisa amarela.

Alguns cães com o corpo bem espichado já contracenaram com o Bidu e fizeram graça de si mesmos nessas tiras de 1964, 1965 e 1966, publicadas na *Ilustrada*.



A segunda aparição do Chico Bento num gibi (a anterior está na *Biblioteca Mauricio de Sousa – Mônica 1971*) teve só uma página. Com a chegada de novos desenhistas e arte-finalistas, sutis diferenças no traço começaram a aparecer. Nesta, linhas mais finas são perceptíveis. Diferente de sua versão original, publicada no *Diário de S. Paulo*, em 25 de abril de 1965, com traços mais grossos.

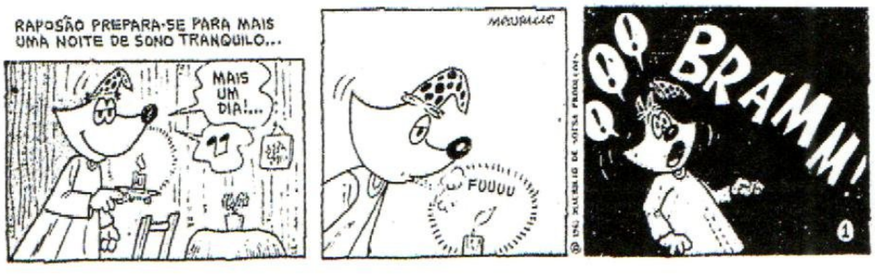
O Chico Bento surgiu nas histórias da dupla Hiroshi e Zezinho, hoje conhecidos como Hiro e Zé da Roça, como coadjuvante. Mauricio de Sousa o criou em 1961, baseado em um tio-avô que não conheceu, mas ouvia seus "causos" da sua vó Dita. O autor também se inspirou no Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, e nas histórias da série *Gordo*, do artista mexicano Gustavo "Gus" Arriola.

A estreia nas tiras aconteceu em 1963, e logo ele estava em jornais como *Diário de Bauru*, *A Tribuna* (de Santos) e *Diário de S. Paulo*, dentre outros. E com um traço muito diferente, como se vê em suas três primeiras aparições, no *Diário da Noite*, do Rio de Janeiro, em 13 e 14 de fevereiro e 6 de março daquele ano.

Servindo como suporte, Chico Bento foi aos poucos ganhando espaço e se tornou dono de suas próprias tiras. E Hiroshi e Zezinho acabaram se tornando coadjuvantes.

Mas vale dizer que, em sua primeira participação nos tabloides da revista *Coopercotia* (veja parte da história à direita), em maio de 1964, Chico Bento já dava indícios do seu protagonismo.

A namorada do Piteco é uma adaptação de várias tiras que saíram em jornais em 1964. O protagonista dessa história inteligente, divertida e misteriosa é o Glunc, o tio da Thuga, que ganhou até figurinha no álbum *A Turma da Mônica*, da Abril, que fez a alegria dos fãs em 1979.



Não é novidade para Raposão e seus amigos da Turma da Mata acordar com mistérios, estrondos, gritos ou surpresas pra lá de desagradáveis.

Veja, por exemplo, as tiras ao lado, publicadas na *Ilustrada*. Em 28 de janeiro de 1965, todo mundo pula da cama ao ouvir gritos. No fim, eram só os Beatles tocando. Já em 5 de maio de 1965, o susto foi porque a escuridão caiu sobre a mata. Literalmente!

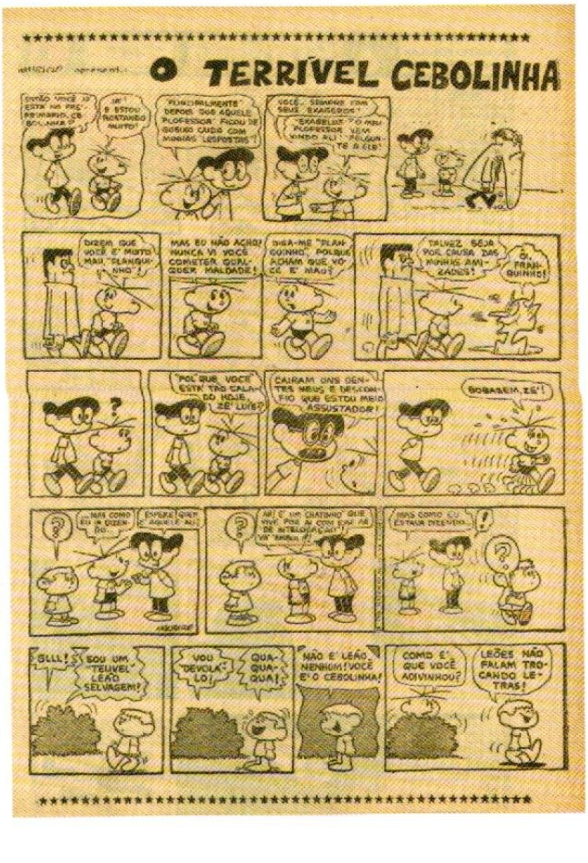
A exagerada história do Chico Bento (na época, o absurdo era corriqueiro, afinal), com roteiro de Mauricio, já havia saído no *Diário de S. Paulo* em 28 de fevereiro de 1965. Nesta primeira versão, os personagens foram desenhados pelo próprio autor. A publicada no gibi foi toda refeita.

Mas, antes disso, em dezembro de 1964, numa tira publicada no mesmo jornal, Chico é vítima de outra planta: um cacto, que esguicha água em seu rosto.

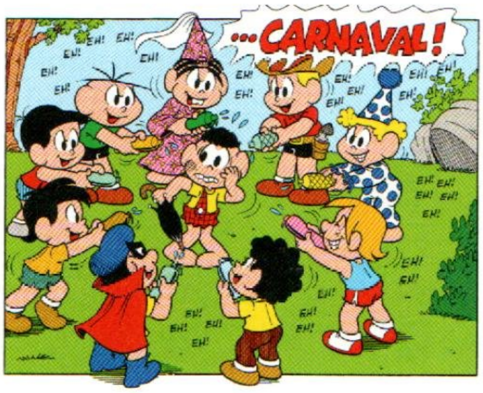
O Zé Luís ainda era uma presença constante, tanto que protagoniza a última história do gibi, escrita pelo próprio Mauricio, com um tom didático para explicar o que é um ano bissexto.

Esta passaria a ser uma das características do personagem, que começava a perder espaço, mas teve seus dias de glória. Esta compilação de tiras com ele foi publicada na *Folhinha,* em 18 de outubro de 1964.

Curiosidade: *Zé bissexto* é a única história protagonizada pela Mônica com diálogos na edição.

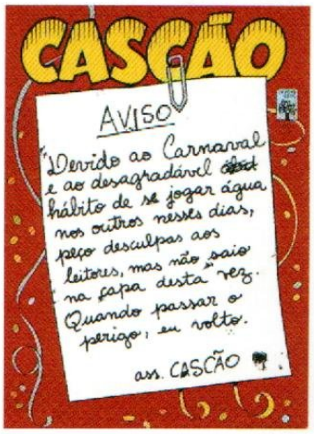


Mônica # 22 (fevereiro de 1972)



Em *O carnaval do Cascão*, assinada por Mauricio de Sousa, o roteiro explora uma brincadeira então bastante comum: crianças utilizando bisnagas plásticas para atirar água umas nas outras. E aí, adivinhe pra quem sobra!

Claro que isso já aconteceu diversas vezes. Na história *Um carnaval aquático*, que saiu em *Cascão* 41, da Abril, em março de 1984, o Cascão quase não escapa! E vieram muitas mais, sempre nessa festa.



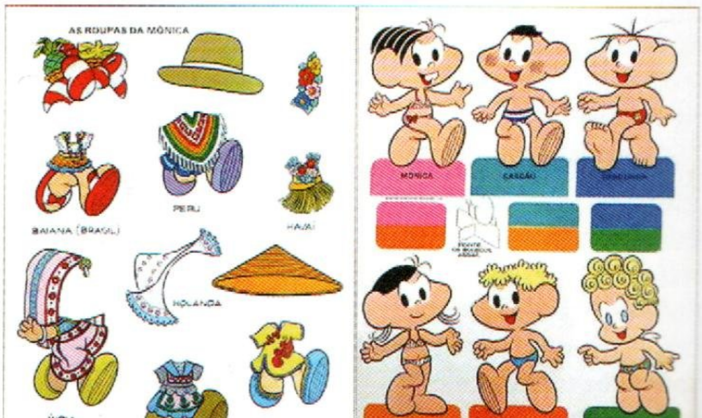
Essa brincadeira rendeu tanto que, em janeiro de 1985, acabou parando na capa de *Cascão* 65, da Abril.

A história do Chico Bento é mais uma adaptação de um antigo roteiro de Mauricio, publicado em 5 de setembro de 1965, no *Suplemento Juvenil* do *Diário de S. Paulo*. No gibi, com uma página a mais, a arte teve que ser refeita e o personagem ganhou mais movimentação nas cenas.

Legal notar que ele ainda estava bem longe de adotar o caipirês em suas falas.

A página de diversões trouxe uma novidade: uma figura para ser recortada e vestida com diferentes peças de roupas. Só que, para isso, a criança precisava de uma tesoura. Então, além de estragar a revista, havia o risco de algum acidente.

Por isso, a Abril lançou depois várias edições com a *Turma da Mônica* na revista *Destaque e brinque*. As figuras eram facilmente destacadas e montadas.



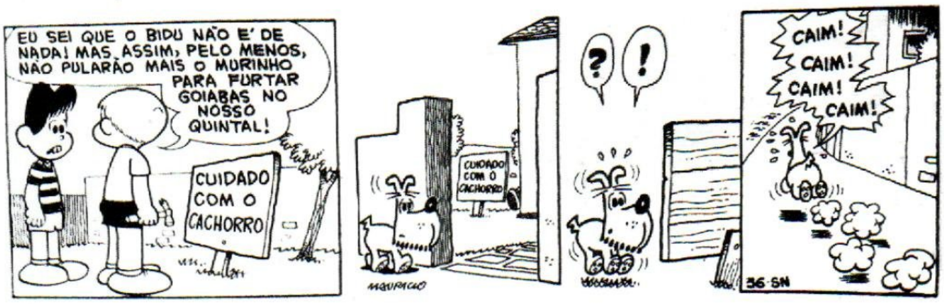
E a curiosidade adicional é que as meninas na capa são Vanda e Valéria, as filhas gêmeas do Mauricio, ainda crianças.

Rita Najura, num roteiro de Mauricio, e com um visual diferente, protagoniza mais uma releitura de uma história antes publicada na *Ilustrada*, a partir de 27 de fevereiro de 1965. Logo depois, saiu em outros jornais, no formato tabloide.

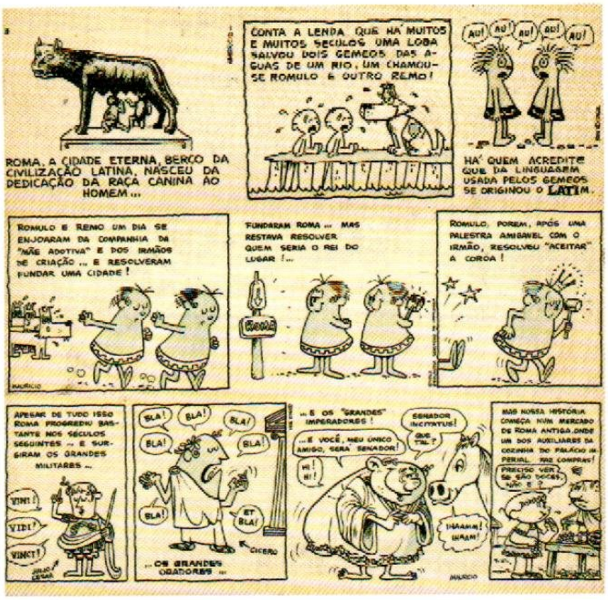
A personagem sofreu algumas transformações com o passar do tempo. Numa história na *Folhinha* de 12 de junho de 1966, por exemplo, ela ganhou mandíbulas numa cabeça desproporcionalmente maior.

Em outra, publicada em 26 de junho, apenas duas semanas depois, embora seu corpo já esteja na proporção atual, ela tem dentinhos bem afastados.

A história de uma página do Bidu utilizou a mesma piada de uma tira publicada na *Ilustrada* em 4 de novembro de 1964.



Depois do Antigo Egito (em *Mônica 19*, na *Biblioteca 1971*), Franjinha e Bidu vivem outra aventura histórica, agora na Roma antiga.



Com a participação de Titi e do Cebolinha, *Os romanos* abre caminho para um novo estilo de roteiro, que duraria alguns números, como acontecia com Astronauta, Piteco e Horácio, com algumas temáticas mais adultas, baseadas em fatos históricos.

Esta história, assim como a anterior, era parte de uma grande saga publicada nas tiras da *Ilustrada*, de setembro de 1960 a abril de 1963 – o intervalo foi porque Mauricio saiu da *Folha* entre julho de 1961 e fevereiro de 1962.

A aventura em Roma saiu em uma série de tiras iniciada em 12 de fevereiro de 1963. Vale

notar que, no gibi, os pés de Franjinha e Cebolinha são desenhados sem dedos, característica de outros personagens de Mauricio, mas não deles.

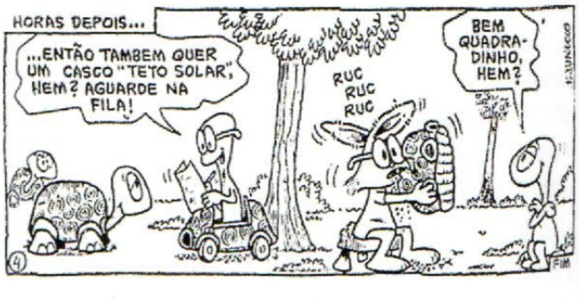
Uma curiosidade é a presença de uma "sósia" da Magali, a partir da tira de 17 de fevereiro de 1963. A menina não tem nome, e isto foi antes da estreia oficial da comilona, em 11 de janeiro de 1964.

Mesmo com personagens morando em tocas e cavernas, a Turma da Mata é uma paródia da vida humana. Por isso, às vezes surge uma ideia mirabolante de "progresso" por aquelas bandas. A versão original da história foi publicada na *Ilustrada*, em tiras, a partir de 3 de dezembro de 1965.

A mania do Tarugo de aperfeiçoar seu casco rendeu outras histórias, como esta, na *Folhinha,* em 8 de maio de 1966.

Depois, Tarugo ganhou espaço e, durante o ano de 1965, chegou a ter uma série de tiras verticais, publicadas na *Folhinha*.

Um detalhe divertido foi revelado na tira de 13 de maio de 1965, na *Ilustrada*: o Coelho Caolho era o responsável por roer os cascos para transformá-los em tetos solares.



A intrigante história do Horácio é uma releitura de outra publicada anteriormente, de forma seriada, na *Folhinha*, entre 17 de abril e 12 de junho de 1966. Mais uma vez, Mauricio estimula a imaginação do leitor, com ambientes esfumaçados e escuros.

Originalmente, os tristões eram azuis. Na revista, eles tiveram a cor e o desenho modificados.

O amiguinho do Horácio vem de uma história anterior, em *Mônica 14*. Embora a publicação no gibi tenha tido um intervalo de oito meses, nos jornais foi uma seguida da outra. Isso explica a presença do dinossaurinho. Sua cor também foi alterada. De laranja, passou para cor-de-rosa.

Já o dragão sofreu poucas alterações. Isso se deveu ao estilo característico do Mauricio em desenhar esses monstros, que vem desde o início de sua carreira.

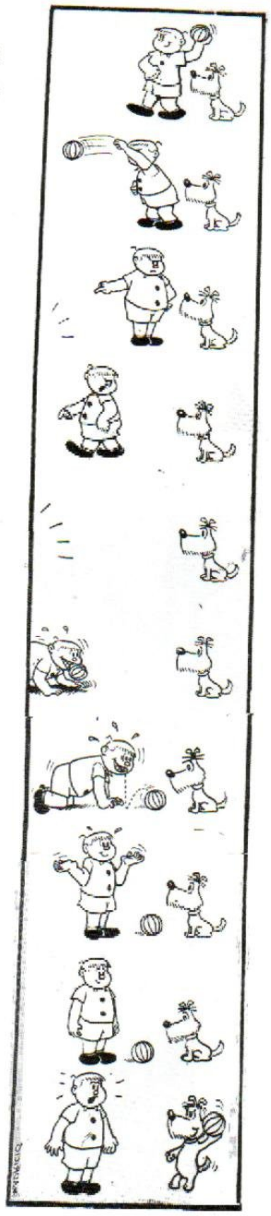
Procurando sempre falar a linguagem dos jovens, Mauricio vivia ligado com o que era moda. Roupas, atitudes e até música faziam parte das histórias da Tina. E o título da história foi tirado da canção *Mother*, de John Lennon, sucesso no início dos anos 1970.

Nesta aqui, acontece a estreia do pai da Tina. O senhor anônimo e rabugento teria diversos visuais até chegar ao conhecido hoje. A versão original da história saiu num tabloide publicado no suplemento *Quadrinho*, da *Folha de S.Paulo*, em 4 de março de 1972.

Por falar em música, poucos sabem, mas Mauricio também embarcou na onda da Jovem Guarda e produziu uma história com Roberto e Erasmo Carlos.

Uma matéria na revista *Intervalo*, da Abril, em maio de 1966, anunciou essa novidade na época, inclusive prometendo uma revista com os astros como personagens.

Entretanto, o projeto acabou não indo para frente. Uma história foi produzida, mas nunca foi publicada. Restaram somente algumas páginas, até hoje inéditas.



São muitas as piadas com o Franjinha atirando algo para o Bidu buscar, como a que encerra este gibi. Mas esta antiga tira vertical publicada na *Folha da Tarde*, logo após a estreia do Mauricio nos quadrinhos, em 1959, inverte os papéis de forma divertida e inusitada.

Mônica # 23 (março de 1972)

Cebolinha e Cascão se sentiam desatualizados em *Queremos cabelo*. Ainda mais em um mundo recém-habitado por *hippies* com suas longas ou encaracoladas madeixas.

Os dois se queixam dos seus cabelinhos, mas a curiosidade maior está no "borrão" do Cascão. Na **MSP**, havia uma brincadeira: ele foi o precursor da "digitalização" de personagens.

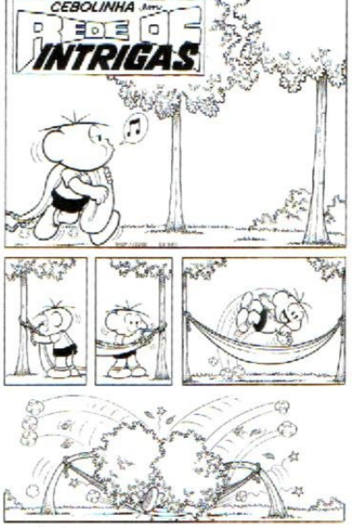
Na verdade, o método de borrar o nanquim com o a ponta do dedo foi inventado pelo saudoso arte-finalista Sérgio Tibúrcio Graciano (à direita), para padronizar o cabelo do Cascão.

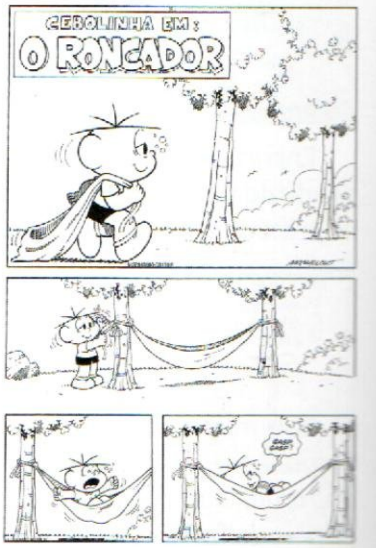
Novamente, a história de duas páginas do Chico Bento, com roteiro do Mauricio, foi uma releitura de um tabloide publicado em 26 de setembro de 1965, no *Suplemento Juvenil* do *Diário de S. Paulo*.

Histórias curtas e sem texto, em geral, utilizam piadas sobre um tema ou objeto. Assim é *Na rede*, que gera situações bem cômicas.

E esta não foi a primeira vez que isso ocorreu. Veja essas duas páginas de abertura, bem semelhantes.

A primeira, de outubro de 1977, saiu na edição 58; e a segunda, de abril de 1984, na 136, ambas na revista do troca-letras na Abril.



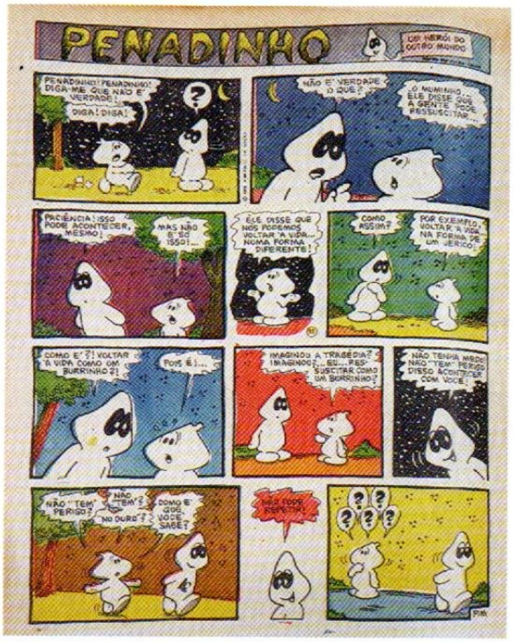


Após se passar por filhote de uma pteranodonte e de uma mamute, Horácio acaba no ninho de uma galinhossaura, numa trama com pitadas da fábula do Patinho Feio (do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen).

Repare nos cenários cheios de palmeiras, samambaias, folhagens e pedrinhas: este é o verdadeiro estilo de Mauricio de Sousa desenhar.

Mauricio fez esta história originalmente para a *Folhinha de S.Paulo*, em 22 de dezembro de 1970. E a galinhossaura teve sua cor alterada.

Outra galinhossaura já havia aparecido nas tiras do Piteco em 1968. Com motivos bem menos nobres.



Penadinho estreia nos gibis nesta edição, apesar de fazer sucesso nos jornais, com tiras próprias desde 1964. Aos poucos, os personagens do Mauricio foram incorporados à revista *Mônica*, gerando uma espécie de rodízio. Por isso não houve histórias do Papa-Capim em 1972: para dar lugar à turma do cemitério.

Com roteiro e arte do próprio Mauricio, a trama é quase uma anedota transformada em quadrinhos. Coitado do Pixuquinha.

A história adapta um tabloide do Penadinho, que saiu no *Suplemento Juvenil* do *Diário de S. Paulo*, em 22 de agosto de 1965.

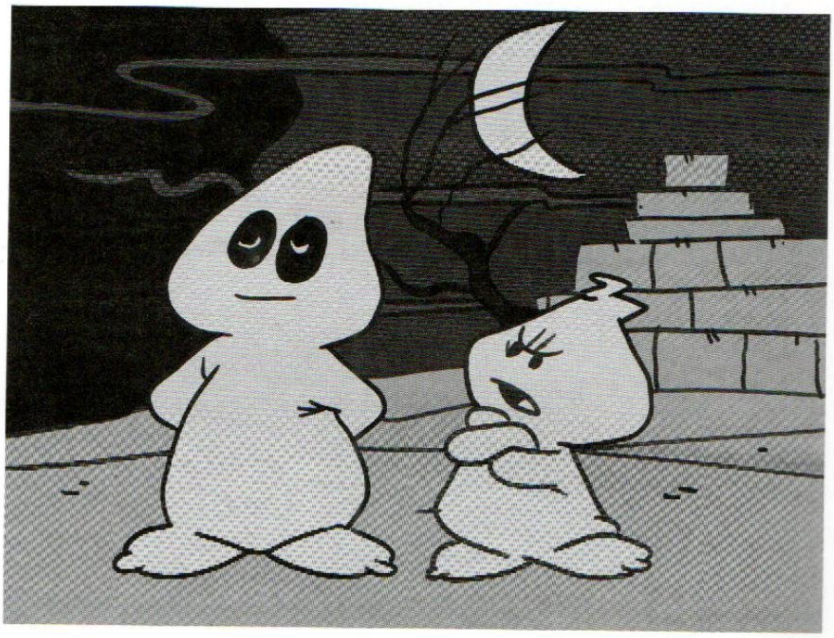
O autor sempre gostou do conceito do "terrir". Tanto que já flertava com fantasmas antes de criar o Penadinho, como se vê nesta charge de capa da *Folha de S.Paulo*, em 15 de janeiro de 1960, num estilo ainda bastante diferente.

O protótipo do Penadinho viria a surgir em uma história do Franjinha, *O filhote de fantasma*, publicada no número 1 da revista *Bidu*, da Continental, em 1960. Este material foi compilado na *Coleção Histórica Mauricio*, da Panini, de 2015.

Chamado apenas de Fantasminha, Penadinho estrearia de fato numa tira do Cebolinha, na *Ilustrada*, em 16 de abril de 1963 – esta imagem é da sua quarta aparição. Na época, ele foi mais um dos tantos amigos esquisitos que o troca-letras arrumava.

A criançada adorou. E não foi surpresa quando o Fantasminha estrelou tiras próprias. A primeira foi no segundo número da *Folhinha*, em 15 de setembro de 1963

Penadinho foi batizado em 1964. Seu nome só aparecia acima da tira, e ele já tinha a companhia do Pixuquinha, seu amigo além da vida. A dupla fazia tanto sucesso, que estrelou a propaganda televisiva do molho de pimenta da Cica, no início dos anos 1970.



Os gêmeos malfeitores Zum e Bum são idênticos até nas trapalhadas. Eles vivem se engalfinhando e, mesmo discutindo suas diferenças, acabam tendo sempre as mesmas ideias.

É o que se vê na história desta edição, que já havia sido publicada em alguns jornais, como o *Diário de S. Paulo*, em 26 de maio de 1968.

Ainda em seu terceiro ano com revista própria, Mauricio continuava com a estratégia de não deixar as histórias que produzira para sair nos jornais serem esquecidas. Especialmente porque os materiais eram relativamente recentes.

É o caso de mais esta aventura do Chico Bento, também uma adaptação de um tabloide publicado no *Diário de S. Paulo*, em 14 de fevereiro de 1965. Para a revista, ela precisou ser redesenhada.

É bem diferente a primeira aventura do Astronauta no ano de 1972. Fugindo do habitual, o herói pousa na Amazônia e reencontra seu amigo indígena Antônio, que o leva a uma nova aventura, com direito a pessoas miniaturizadas e um misterioso velhote com um cajado mágico.

A história original saiu nas páginas no *Diário de S. Paulo*, em 27 de setembro de 1964.

A nova versão para o gibi ganhou ajudantes de cientistas, mulheres aprisionadas e até piranhas em estilo realista.

A equipe montada por Mauricio no início dos anos 1970 buscava para o Astronauta, tanto no tema, quanto no desenho, uma linguagem mais adulta.

Veja acima a estreia de Antônio sendo salvo pelo Astronauta em uma terra tomada pela água. Quem causava isto? Os terríveis homens-minhoca. Ele ficaria sumido por décadas, até retornar em 2019, em uma série de tiras celebrando os 60 anos da **MSP**.

Em outra história divertida, Tina usa e abusa das gírias que hoje são antiquadas e esquisitas. Mas, em 1972, o símbolo de paz e amor estava em alta no Brasil.

Embora a turma da Tina já tivesse aparecido na capa da *Folhinha* em 1970, ela só teria suas próprias tiras tempos depois, na página central do já citado suplemento *Quadrinho*, da *Folha*.

Na época, a jovem tinha coadjuvantes bem diferentes: quatro crianças, dois cachorros, um papagaio e uma vovó. Apesar de terem participado de algumas tiras, muitos foram sumindo, dando lugar a novos personagens. De todos, só a Vovoca segue na ativa.

A menina Tuca, por ser inocente ou careta, não compreendia muito o que a Tina falava, já que os roteiros sempre focavam no mundo dos jovens daquela época e na filosofia *hippie*.

Curiosamente, Tuca também é chamada de Lúcia em sua primeira aparição, na capa da *Folhinha* de 15 de fevereiro de 1970.

José Francisco era o bebezinho cabeludo. Quase igual à Maria Cebolinha, não fazia nada além de grunhir, o que rendia boas piadas.

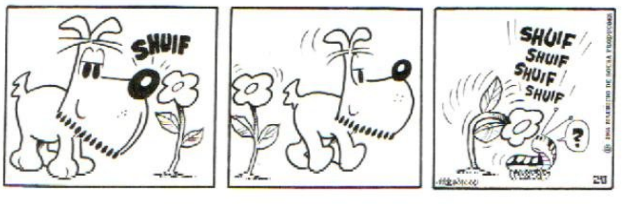
Palestrino fez tanto sucesso que até ganhou tiras próprias, sem texto e que envolviam as confusões do papagaio com Toim e seu cachorrinho, o Porcãozinho.

E havia ainda o Gargarejo, o cãozinho da Tina que, por uivar demais, raramente mostrava sua cara. Aqui, ele estampa uma das figurinhas do álbum *A Turma da Mônica*, de 1979.

168 - GARGAREJO

Os leitores começavam a se acostumar com as duas "faces" do Bidu: o cachorrinho mascote da Turma e o personagem que vive no mundo da metalinguagem.

Antes da Dona Pedra ser chamada assim, uma flor foi o primeiro ser inanimado a ganhar vida nas histórias do Bidu. Ela surgiu na tira de 27 de fevereiro de 1964, ao se curvar diante de uma taturana muito parecida com a Filomena. E teria voz numa tira de 10 de fevereiro de 1967, ambas na *Ilustrada*.



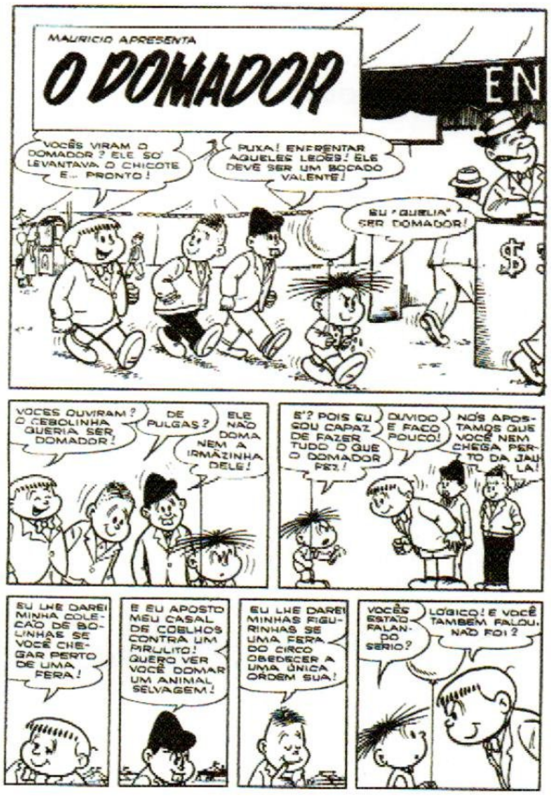
Mônica # 24 (abril de 1972)

O domador é mais uma daquelas histórias que precisam ser lidas com o olhar de décadas atrás, dentro de seu tempo. Afinal, chicotear os animais, jogar sorvete no chão e outras situações não seriam aceitas atualmente.

Mesmo o tema central não faz mais sentido, pois hoje não é mais permitida a presença de animais selvagens em circos.

Como tantas aventuras daquele começo da revista, esta também é ainda mais antiga. A versão original foi publicada em 1960, na revista *Bidu* 3, da Continental, e teve até uma capa alusiva.

A arte foi toda refeita, mas poucas foram as alterações no texto; só algumas falas mudaram de personagem. Por isso o Cebolinha troca os nomes de Titi e Manezinho na última página, ou melhor, o que cada um ficou lhe devendo.



Não é só o Cascão que foge de banho, como se vê em *Bidu, venha tomar seu banho!* Este assunto gerou várias tiras dos anos 1960 e 1970.

Em 1972, apesar de começar a ganhar espaço, Tina ainda dividia histórias com os personagens do seu antigo núcleo. Tuca, mencionada na edição anterior, teve poucas participações, mas Toim e Toneco eram mais frequentes, inclusive nos jornais.

Só que, com o mundo da Tina se tornando cada vez mais adulto, seu irmão passou a não combinar com os temas e piadas. Mas ele continuou participando das tiras do papagaio Palestrino, que chegou a ter série própria no suplemento *Quadrinho*, da *Folha*, em 1972.

Uma grande curiosidade é que Toim, ou pelo menos o seu protótipo, surgiu nas tiras do Nico Demo, em 1969. O garotinho que aparece é igual aos primeiros desenhos de Toim e Toneco, no rodapé da capa da *Folhinha* e no gibi da Mônica. E a piada saiu um ano antes de sua estreia.

E para os leitores mais jovens: a tal calça rancheiro é aquela feita de brim azul e grosseiro, sabe? Também conhecida por *jeans*.

Desde que o homem pisou na Lua, em 1969, o tema ficou "na moda" por um bom tempo. A Turma da Mata, meio enciumada por achar que os bichos também merecem tal feito, embarca na aventura de *Um coelho na Lua*.

A história inclui referências lunares, como o dragão de São Jorge e até os astronautas soviéticos e americanos. Há símbolos das duas nações: um satélite russo nos moldes do Sputnik e uma propaganda da Cola-Coca.

RAPOSÃO

Na época, era comum os filhotes do Coelho Caolho serem chamados pelo nome. Aqui, mais um é revelado, o Nicolau.

A versão original desta história, escrita por Mauricio, saiu em tiras seriadas na *Ilustrada*, a partir de 13 de dezembro de 1966. Só que, na época, o homem não havia pisado na Lua ainda. Por isso, o Raposão fala "Homens descendo na Lua é injusto" no gibi, enquanto nos jornais saiu "Os homens preparam-se para pisar na Lua! É injusto!".

A Turma da Mata participou de uma aventura espacial no dia 16 de janeiro de 1969, quando Jotalhão foi abduzido, nas tiras da *Ilustrada*.

O assunto também mereceu destaque numa matéria de página inteira na *Folhinha* de 26 de fevereiro de 1967. Com a participação de Titi, Franjinha e Cebolinha.

Só que Mauricio já havia colocado outros personagens no satélite natural da Terra bem antes. No dia 24 de novembro de 1964, Franjinha e Titi foram à Lua para conferir de perto as oficinas do Papai Noel lá localizadas.

Apaixonado pelas conquistas espaciais, Mauricio ainda publicou, no rodapé dos tabloides do Astronauta, curiosidades acerca do Universo. As tiras saíram durante boa parte dos anos 1960, no *Suplemento Juvenil* do *Diário de S. Paulo*.

Em mais uma história do Horácio, Mauricio de Sousa demonstra a importância da união e da doação diante dos problemas. A primeira versão da história saiu em dois tabloides na *Folhinha*, em 20 e 27 de outubro de 1968.

A pedra é muito interessante, mas termina com uma pitada de frustração. O protagonista lembra bastante o irmão do Mauricio, Marcio Araujo. E, como ele era músico, o nome Jim-Gô veio do título de uma canção de sucesso da época: *Jingo*, da banda americana Santana.

A história saiu antes em tiras na *Folhinha*, a partir de 20 de agosto de 1963. A principal diferença está no desenho. No traço de Mauricio, os personagens tinham um tom mais cartunesco.

O Astronauta fecha a revista em grande estilo. Tanto o roteiro quanto a diagramação dos quadros têm nítida influência do americano Will Eisner, o criador do Spirit, uma das principais influências de Mauricio. Repare, por exemplo, na página em que o homem de branco é capturado pela rede, no interior da nave.

Importantíssima, esta aventura clássica serve como referência na história dos quadrinhos de Mauricio, no que se refere à crítica social da época. Porque, embora tenha sido publicada em 1972, ela segue muito atual. E traz diversos elementos que lembram episódios do seriado de televisão dos anos 1960, *Perdidos no espaço*.

A história teve uma versão anterior, publicada em 1970, em tiras. Apesar do hiato de apenas dois anos, há diferenças nos desenhos, nos grafismos, na diagramação dos quadros, nos ângulos em que as cenas são mostradas e, claro, no uso das cores. O terno do visitante espacial, por exemplo, saiu do xadrez para o branco, dando a ele um ar de mistério e espiritualidade.

Mauricio também alterou a frase final no gibi. Ele optou por "Confio num mundo novo", enquanto nos jornais saiu "Confio na Humanidade". Como o ser humano é supostamente um mineral, cabe a ele a esperança de um futuro fantasioso, quase irreal e menos centralizado nas pessoas.

Esta edição republicou o anúncio dos hoje raros bonecos da Mônica, do Jotalhão e do Cebolinha (de camisa amarela e calção vermelho), da Trol, que já havia saído em *Mônica* 18.

Mônica # 25 (maio de 1972)

Após alguns números, a dentucinha volta a protagonizar a história de abertura do gibi. *Minha doce Mônica* foi escrita e desenhada por Mauricio. O estilo dele aparece logo na primeira página, com os personagens "soltos", sem a marcação dos quadrinhos.

Para a época, foi uma história inovadora, pois mostra a Mônica começando a ter traços de "maturidade". Se no início dos anos 1960 ela distribuía sopapos e coelhadas à revelia, agora tentava dar seus primeiros passinhos rumo ao autocontrole.

Originalmente, o padrão gráfico não muito rigoroso daqueles dias fez das suas, de novo. Muitos personagens pintados de uma cor só, trocas na coloração nas roupas (como o Cebolinha de camisa amarela e o Anjinho de verde) e espaços em branco. Mas isso não acontecia só nos gibis da Mônica. Era algo comum em todo o mercado de quadrinhos.

Maria e Cebolinha é uma seleção de várias piadinhas do troca-letras e sua irmãzinha. A menina mudou pouco com o tempo. Passou a balbuciar algumas palavrinhas e até falar outras, mas sempre foi motivo para que o Cebolinha inventasse desculpas para não ter que "cuidar" dela.

A personagem foi inspirada em Mariângela, filha do Mauricio. Embora isso cause estranheza, ela é a mais velha, e não a caçula.

Em outubro de 1962, Mauricio desenhou toda a sua família até então: a esposa e as três filhas.

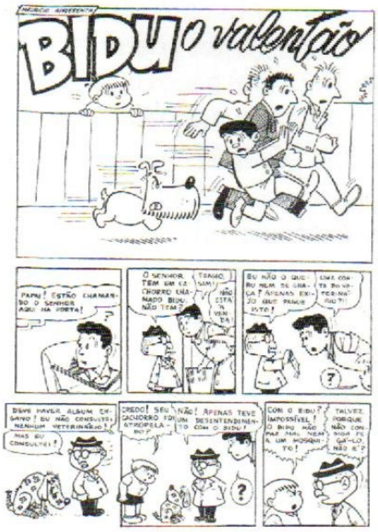
Apesar de parecer um pouco, a bebê à esquerda não é a Maria Cebolinha, e sim a Magali. Mônica é a bravinha do meio, e Mariângela é a maior. E ainda teve espaço para o primeiro coelho da Mônica e uma boneca da Mariângela.

Maria Cebolinha estreou numa pequena charge (acima) de capa da *Folha de S.Paulo*, em 22 de abril de 1960. Numa cena que serviria de piada para várias tiras que viriam depois, Cebolinha usa uma coleira para passear com sua irmã. Pra lá de polêmica, a *gag* foi abandonada com o tempo e nunca mais foi utilizada.

A primeira história com Maria Cebolinha foi na revista *Bidu* 5, da Editora Outubro (a Continental mudou de nome nesta edição), de 1960. Em duas páginas, com a mesma ideia, um homem decide tirar a coleira da Maria Cebolinha, mas se dá mal, porque a garotinha na época era terrível.

Cebolinha, numa mistura de inocência e maldade, tratava a irmã como um cachorrinho. A tira publicada em 16 de abril de 1961, na *Ilustrada*, faz clara alusão à primeira tira do Bidu e Franjinha.

E Mônica mal havia surgido e Cebolinha já sofria nas mãos das meninas, como se vê nesta tira de 23 de março de 1963. Maria Cebolinha mostra que não é tão doce quanto o seu irmão imagina.



Escrita e desenhada pelo Mauricio, *O valentão* mostra um passado esquecido do Bidu e não mais mencionado atualmente.

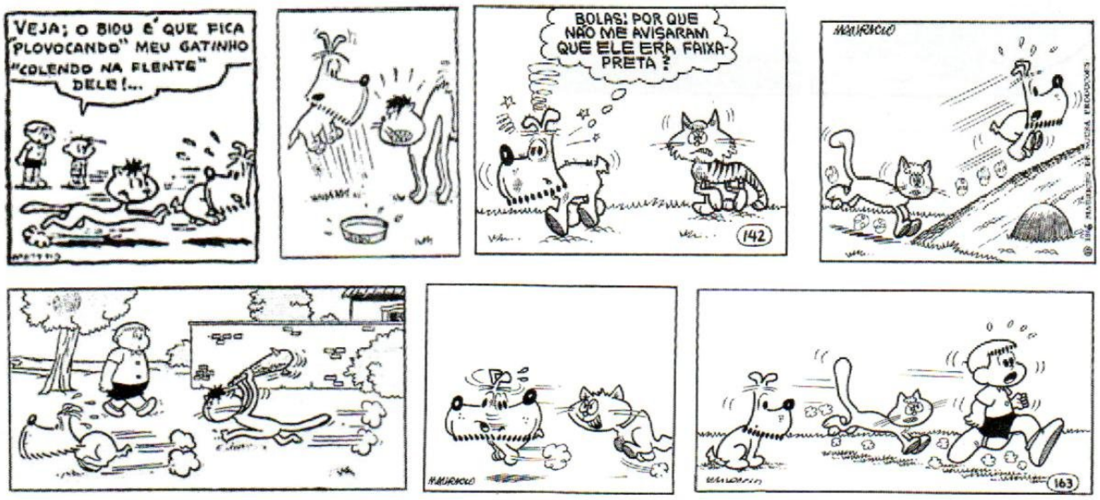
A tal "infância" do Bidu talvez deixe os leitores mais novos surpresos, ainda mais ao descobrir que ele tem irmãozinhos diferentes, em mais uma leve referência à fábula do Patinho Feio.

A história é uma adaptação da versão publicada em 1960, em *Bidu 4*, da Continental, com texto e arte do próprio Mauricio.

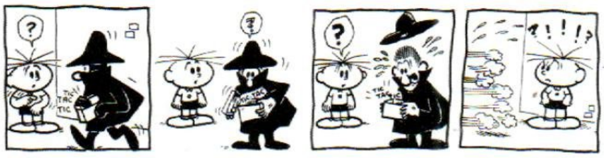
Mas esse lado valentão durou pouco, pois nas tiras o que o Bidu mais fazia era fugir de um gato, com medo de apanhar. Veja uma seleção de quadros, de diferentes épocas, ao lado.

Embora pareça estranho, pode-se dizer que o tal gato Encrenca é o terceiro personagem do Mauricio, pois, na época, ele tinha apenas Bidu e Franjinha.

O gato encrenqueiro participava de tantas tiras, que mereceu destaque até na capa de *Bidu 7*, lançada em 1960 pela Outubro. Por um bom tempo, ele foi o terror do bairro, perseguindo não só o Bidu, mas também o Franjinha.



Em *A espiã* há seis pequenas *gags* que funcionam de forma independente. Mas o melhor é deixado para o final. Para reforçar a ideia de discrição, um quadrinho vazio não basta. Melhor três.



Um verdadeiro espião participou de várias tiras do Cebolinha nos anos 1960. Com um inconfundível "tic tac", ele geralmente se dava mal, muitas vezes devido à ingenuidade do troca-letras. O personagem não é mais utilizado.

Já na história, *Agente ultra especial*, publicada em *Mônica 86*, em junho de 1977, pela Abril, Mônica é uma verdadeira espiã e vive anonimamente entre seus amigos. Inclusive, ela serve a um misterioso chefe que trabalha em um esconderijo que fica sob o bairro do Limoeiro.

Estranhos habitantes da Pré-História protagonizam *Os pigmicos*. Mistura de micos com pigmeus, são inteligentes criaturas que buscam a paz, o progresso e a prosperidade – a tal sigla PPP. Porém, como tantos povos bons, estão na mão de cruéis governantes. O inusitado é que Horácio só aparece no último quadrinho.

A primeira versão desta aventura foi publicada na *Folhinha*, em 29 de setembro de 1968. Note a diferença de traço e disposição dos personagens logo no quadro de abertura.

As histórias da Turma da Mata eram creditadas apenas ao Raposão, mas em *O Impostor* ele nem aparece. No lar dos personagens, aqui chamado pela primeira vez de Mato Verde, o perigoso bandido Cara de Anjo foge para a liberdade.

O foragido – que lembra muito o coelho da Mônica – usa e abusa de truques para se esconder na toca do Coelho Caolho, inclusive o das orelhas cruzadas. Uma escola, um presídio e policiais aparecem na mata, dando uma humanizada nos bichos.

O roteiro gira em torno dos 118 filhotes do Coelho Caolho. Embora coração de mãe não se engane, o desenhista errou. No quadrinho em que os dois irmãos escutam atrás da rocha, o que está sem óculos recebeu cílios e roupas, como se fosse a Dona Coelha.

A história saiu originalmente em tiras seriadas na *Ilustrada*, entre 7 de abril e 7 de maio de 1967. Para a versão do gibi, ganhou cores e desenhos novos.

Curiosidade: outro coelhinho já fez ponta nas histórias da Turma da Mata em 7 de setembro de 1965. Acolhido pela família do Coelho Caolho, ele percebe que não é tão feio quanto parece.

Outro clássico do Mauricio é adaptado das antigas revistas do Bidu. *Concurso de robustez canina* foi redesenhada e até a mãe do Franjinha ganhou um visual diferente, com grandes cílios e novas poses.

O jeito que o Franjinha lida com o Bidu certamente assusta atualmente, mas era o estilo do "puxa e estica" da época, que tinha base no fato de eles serem personagens e poderem sofrer quaisquer consequências físicas disso. Hoje, não vale mais.

Mesmo extremamente datada, faz parte da História e está aí para mostrar como vivíamos e lidávamos com as coisas.

Numa história de uma página, Cascão aparece com o acessório que seria a sua marca registrada: o seu inseparável guarda-chuva preto, que o acompanharia até em suas versões em brinquedo.

Por falar nisso, 47 anos separam os dois Cascões e seus guarda-chuvas, ao lado. O primeiro é o boneco da Trol, lançado em 1969. O segundo é o da Coleção Salvat, de 2016.

Mônica # 26 (junho de 1972)

A ilha do Bidu é mais uma história antiga de Mauricio que foi refeita para o gibi da Mônica. Curiosamente, o protagonista não é ninguém da Turminha, mas um velho avarento que, ao tentar esconder seu dinheiro, vai parar em uma ilha levando o Bidu.

Sua primeira versão foi publicada na *Ilustrada*, em tiras seriadas, a partir de 11 de junho de 1960. A aventura se chamava *O avarento*.

No fim do mesmo ano, ela foi adaptada para a revista *Bidu 7*, da Outubro, com o título *A ilha do Bidu*. Apesar de o desenho parecer igual ao da primeira versão, muitos quadrinhos foram redimensionados.

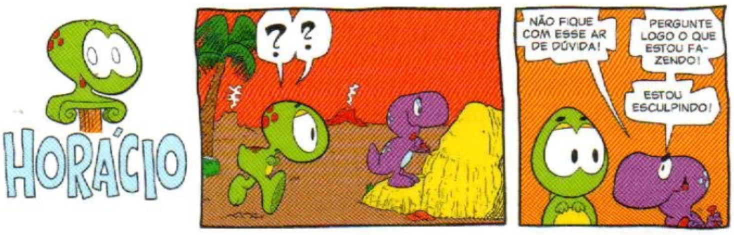
Quando a história saiu no gibi, algumas páginas saíram "negativadas" na impressão, o que gerou um Bidu vermelho e um Franjinha verde! O erro foi corrigido nesta coleção.

Nos anos 1970, as histórias da Tina e do Toneco foram muito povoadas por cabeludos e *hippies* multicoloridos. Era a marca desse núcleo.

Em um tabloide publicado no suplemento *Quadrinho*, da *Folha*, por exemplo, a jovem dava sua opinião sobre o modo de vestir de seus amigos. Veja um quadro da história abaixo.

Na HQ desta edição, saem vários e inusitados objetos do cabelo de um homem, numa piada bastante utilizada com Cebolinha e Floquinho.

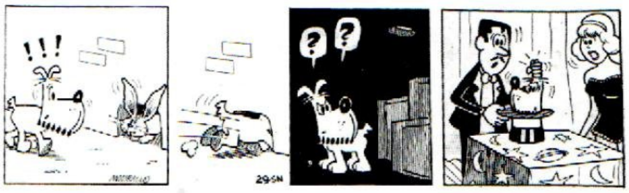
Horácio não perde seu carisma nem quando é coadjuvante. E não precisou dizer nenhuma palavra para o dinossauro escultor tagarela. Roteiro e arte de Mauricio de Sousa.



A primeira versão desta história foi publicada na *Folhinha* em 8 de dezembro de 1968. A principal diferença no original é o visual do pequeno artista. O nariz quadrado e o olhar cerrado o deixaram mais ameaçador.

O Bidu tem três histórias curtas nesta edição. Numa, age como um cãozinho; na outra, fala; e na última, uma brincadeira com a metalinguagem e o fato de ser um personagem de quadrinhos, um visitante reclama com o desenhista.

A primeira é uma releitura de uma antiga tira, publicada na *Ilustrada*, em 16 de setembro de 1964, em que Bidu sai do chapéu do mágico Marko, que foi citado na *Biblioteca 1970*.



No entanto, a piada já havia sido usada pelo Cebolinha em uma tira anterior, publicada em 9 de abril de 1961.

Em outra tira, de 24 de novembro de 1968, não é o Bidu que sai da cartola, mas sim o próprio mágico.

A referência do mágico vem do Mandrake, um clássico dos quadrinhos, criado em 1934 por Lee Falk, e que foi homenageado em uma tira do Bidu, no dia 1º de maio de 1968.

O pai da Turminha conta que o personagem foi uma grande inspiração, pois foi em uma de suas aventuras, *Mandrake e as amazonas*, que o pequeno Mauricio de Sousa teve um de seus primeiros contatos com os quadrinhos, mesmo ainda não sabendo ler.

Nesta edição, mais um dos filhotes do Coelho Caolho tem seu nome revelado, o Nicodemus – não confundir com o quase xará Nico Demo. Antes, já tinham sido apresentados Nicolau, Benevides e Androvaldo. Duro mesmo é lembrar de todos os 118 coelhinhos.

O Nicodemus já havia sido apresentado na versão original desta história, publicada na *Ilustrada,* em 2 de setembro de 1965.

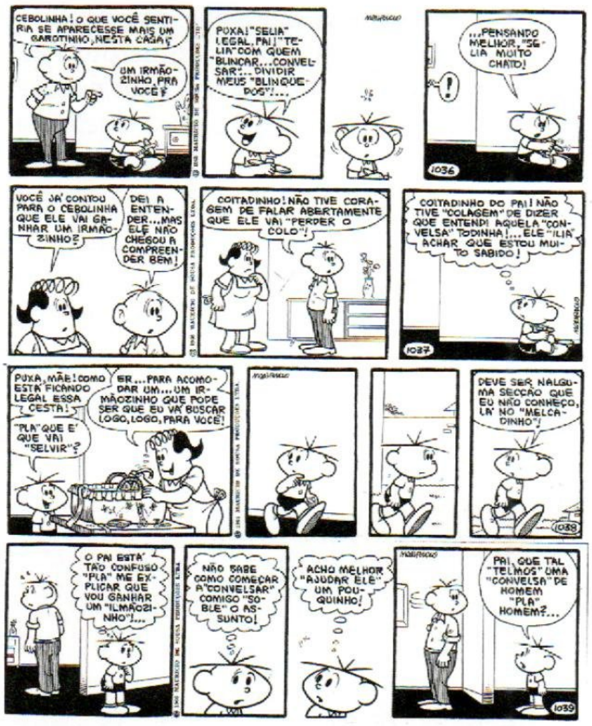
Em sua segunda história no gibi, Bidu aborda as alegrias e mazelas de sua vida de cão. Ele já filosofava sobre a questão em tiras antigas, como esta, de 18 de julho de 1965.

A curiosidade, no gibi, está nas letras dos balões, em maiúsculas e minúsculas, algo incomum nos quadrinhos do Mauricio.

Na terceira aparição do Bidu no gibi, um cachorro reclama da falta de cenários. Essa quebra da quarta parede passou a ser tão bem explorada que, em alguns anos, muitas histórias do cãozinho azul se limitariam a esse universo, deixando Franjinha e o bairro do Limoeiro de lado.

Os bastidores das histórias do Bidu se tornaram tão comuns, que alguns personagens de apoio surgiram com o tempo. Um deles é o contrarregra Manfredo, que estreou apenas em 1981, ainda sem o seu tradicional boné.

Ele se tornou o principal cachorro humanizado deste núcleo e ganharia roupas no mesmo ano, adotando o visual que os leitores conhecem tão bem.



A principal atração desta edição foi, sem dúvida, a história *O irmãozinho*, que mostra o nascimento do irmão caçula do Cebolinha. Sim, você leu direito!

Isso pode chocar muita gente, pois poucos lembram que o Cebolinha já teve um outro irmão, além da Maria Cebolinha.

A explicação é que, como Mauricio soube transpor sabiamente toda a sua vida para os quadrinhos, na voz de amigos e familiares que viraram personagens, por que não contar sua experiência pré-natal como futuro pai, ou no caso, irmão. Assim, surgiu o "quase" irmãozinho do Cebolinha.

Esta história saiu seis anos antes em tiras na *Ilustrada* e durou cinco meses ininterruptos.

Mas, para o gibi, passou por uma completa reformulação. Alguns quadros foram cortados e outros trocaram de ordem.

Vale ressaltar que há uma piada ao fim de cada dois ou quatro quadros, como nas tiras originais.

O mais interessante é que em nenhum momento Dona Cebola aparece grávida. Os tempos eram outros e talvez isso fosse um exagero aos olhos dos censores da época. Outra cena ímpar é o pai do Cebolinha fumando, algo intolerável hoje.

Na trama, o Cebolinha é o porta-voz, mas às vezes seu pai toma à frente. E Maria Cebolinha mantém seu discurso de grunhidos e balbucios.

No gibi, a história (dividida em duas partes – *O irmãozinho* e *A chegada*), que teve vários erros de colorização, termina com um concurso para escolher o nome do irmão do Cebolinha.

Só que isto já havia acontecido nas tiras da *Ilustrada* e o menino havia sido batizado pelos leitores como Salsinha.

Além disso, o Cebolinha pede apenas para os leitores enviarem cartas para a Editora Abril, enquanto na tira publicada em 11 de junho de 1966 passa o endereço completo da *Folha*.

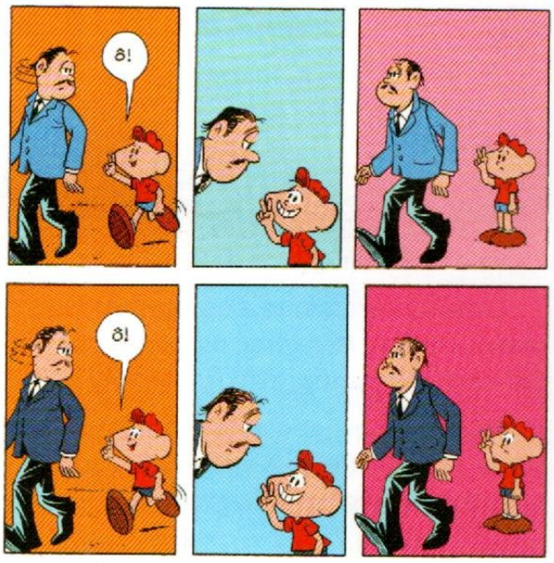
Embora várias cartas tenham sido recebidas, no gibi o bebê não voltaria a aparecer. A história e o personagem tornaram-se só uma curiosidade na cronologia da Turminha.

Já nas tiras, o personagem teve uma sobrevida, aprendendo até a engatinhar. Segundo Mauricio, o sumiço do garoto não teve ligação com algo real ou mais dramático. Foi uma quebra acidental: ele não teve tempo para arquitetar a continuação da "novidade familiar".

Na verdade, ter dois bebês na família Cebola fazia pouco sentido, mas a história cumpriu a missão de contar a experiência do Mauricio nessa fase da vida. Ainda assim, o autor guarda até hoje com carinho centenas de cartas dos leitores com sugestões para o nome do menino.

Você estranhou quando leu a segunda HQ da Tina nesta edição, certo? E com total razão. Por um grande engano na programação da época, a mesma história que saiu em *Mônica 23* foi republicada três meses depois!

As diferenças estão apenas em algumas cores, que mudam em um ou outro detalhe. Para manter a fidelidade da coleção, mantivemos o erro tal qual saiu originalmente.



Sobre a trama, Tina brinca com o símbolo de paz e amor, como já havia feito antes, ao lado da sua amiga Tuca.

Fechando a revista, uma história que adapta uma tira do Cebolinha, publicada na *Ilustrada*, em 17 de fevereiro de 1963, na qual ele, e não a Mônica, acaba com um sorvete na cabeça.

Mônica # 27 (julho de 1972)

Tadinho do Cebolinha!, que abre a edição 27, traz um autêntico plano infalível. Mesmo que o termo ainda não existisse, os ingredientes estavam todos ali. A diferença é que não é o Cascão que estraga a ideia.

O termo plano infalível só seria usado em setembro de 1974, na história *Quem é o dono da rua?*, em *Cebolinha 21*, da Abril. Nela também é finalmente revelada a principal motivação do Cebolinha: ser o dono da rua.

A partir disso, se tornaria comum o troca-letras tramar estratégias para vencer a Mônica, das maneiras mais diferentes, inventivas e inusitadas possíveis.

O Bidu estrela duas histórias seguidas. Na primeira, sem título, contracena com árvores e uma pedra falante para sofrer as intempéries de um dia de chuva. Ela foi baseada em uma antiga tira do Bidu na *Ilustrada*, publicada em 11 de maio de 1967.

Já *Dia de banho* saiu primeiro na revista *Zaz Traz 4*, da Continental, em 1960. Com um tom um pouco mais sério, se diferenciava do humor que Mauricio de Sousa desenvolvia na década de 1970.

Franjinha usa sabão em pó e uma corda para dar banho no Bidu, algo impensável hoje no tratamento de *pets*.

Na história original, o Seu Cebola, tal qual seu filho, ainda exibia uma volumosa cabeleira.

Há uma razão para a existência do Super-Horácio. Mauricio sonhava alçar voos mais altos, se libertar de algumas amarras. Tanto profissional, quanto pessoalmente. Aí, vieram a capinha e o clima de ação e aventura.

Aqui, acontece a primeira aparição do Super-Horácio nos gibis, mas sua origem só seria contada cinco números depois.

Originalmente, contudo, ele estreou na *Folhinha*, em 28 de junho de 1970, enquanto a história do casamento da rainha começou em de 20 de setembro do mesmo ano e foi a terceira aventura do personagem. No gibi, o universo do dinossauro se mistura ao do Piteco, ao citar a região de Lem. Nos jornais, isso não aconteceu.

Para a revista, foram feitas algumas mudanças significativas. Uma está na luta entre Super-Horácio e os seus concorrentes, que preenche quase uma página. Na *Folhinha*, ela ocupava um quadrinho.

Outra alteração está no final. Nos tabloides, a rainha é uma assustadora e enorme aranha. Quando refez a história, Mauricio decidiu amenizá-la, deixando-a apenas feia.

Atitudes e vestimentas eram o assunto nas histórias da Tina, e Toneco era o irmão "careta", com uma certa inocência.

Aqui, em uma página apenas, há várias gírias e expressões da época. Sobre seus adereços, eles sempre rendiam boas piadas, como nesta tira de 1972.

Na página de divertimentos, há uma curiosidade. A fantasminha aborrecida que aparece é Rose, uma antiga moradora do cemitério.

Ela surgiu nas tiras. Em 1965, logo em uma de suas primeiras aparições, Rose parecia fazer o coração do Penadinho disparar, caso ele tivesse um, lógico. A outra imagem é de 1974.

Embora tenha participado de muitas tiras, a simpática Rose deu lugar a outra personagem que levarias alguns anos para aparecer: a Alminha, que viraria a namoradinha do Penadinho.

O Grande Plano da Thuga é um roteiro de Mauricio bem no estilo dos anos 1960. Além dos personagens principais, há uma pequena galeria de coadjuvantes clássicos de Lem.

O mais notório é o Juiz de Paz. Chamado apenas pelo nome do seu cargo, ele participou de diversas histórias do Piteco e teve até figurinha no já citado álbum de 1979.

Há ainda outro antigo personagem, o Boizão, o escriturário de Lem. Ao contrário do Juiz de Paz, seu visual recebeu algumas atualizações com o passar do tempo.

Curiosamente, mais uma vez, as roupas do Piteco e da Thuga apareceram iguais: amarelas com bolinhas vermelhas. Mas, na edição 21, ambas eram vermelhas com bolas pretas.

O objeto de fazer amigos é de um tempo em que, vez ou outra, bandidos apareciam nas histórias da Turminha. Levados para o lado cômico, geralmente faziam papel de bobos ou mandões.

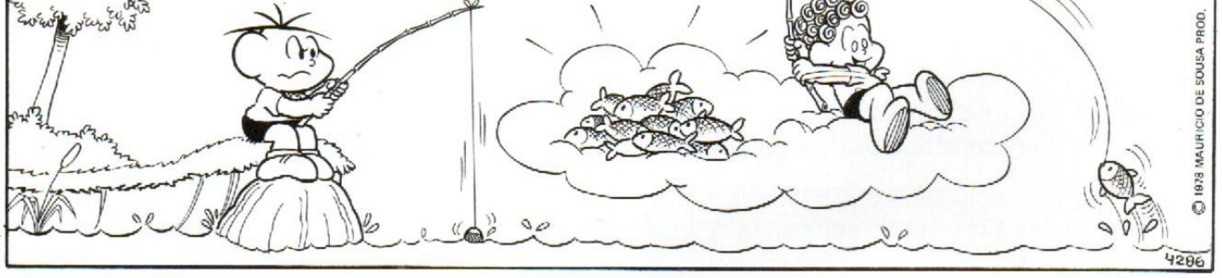
Mas há algo de muito errado no comportamento de Cebolinha, Mônica e Cascão, que agem como interesseiros. Esse tipo de atitude, hoje, foi abolido.

Não foi a primeira vez que Mauricio usou objetos com propósitos "mágicos". No livro *A caixa da bondade*, da FTD, lançado em 1966 (e republicado em 2015, pela WMF Martins Fontes, em *Mauricio – O início*), dois malandros tentam convencer o personagem Niquinho a levar uma caixa vazia, fazendo-o acreditar que estava cheia de bondade.

Na história *O ovo da discórdia*, que foi publicada em *Bidu* 1, na Continental, em 1960, Franjinha e sua turma discutem por causa de um suposto ovo de dinossauro encontrado pelo Bidu.

Já em *A pedra da honestidade*, que saiu em *Mônica* 11, da Abril, e no volume anterior da *Biblioteca*, Zum e Bum se deixam levar pelos poderes da tal pedra.

Desta vez, foi o gibi que inspirou uma tira de jornal! Esta, de 1978, usa a mesma piada que fecha a edição, com Anjinho e seu método de pesca.



Mônica # 28 (agosto de 1972)

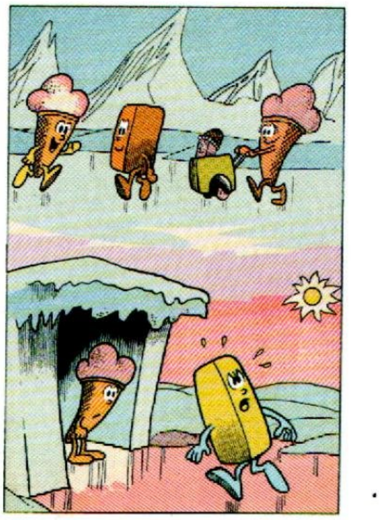
Quem lê a *Turma da Mônica Jovem* até conhece este lado mais apaixonado e sensível da dentucinha, mas nos anos 1970 ela era bem diferente, como é mostrado em *A boa Mônica.*

Na publicação original, há alguns erros de cor (consertados aqui), como o Franjinha de camisa amarela.

Há também várias ações que hoje são bem politicamente incorretas, como o Franjinha jogar uma casquinha de sorvete no chão ou o Cascão sugerir à Mônica que ela se escondesse no depósito de lixo.

O nome do Xaveco ainda é escrito com o "Ch" (de chave, remetendo ao formato do seu cabelo). Isso ainda seria mantido por um tempo, e vinha das tiras publicadas na *Ilustrada*, como nesta de 28 de junho de 1969.

A história seguinte é uma adaptação de *O Astronauta no planeta dos homens-sorvete*, lançada pela FTD, em 1965, e republicada no já citado *Mauricio – O início*. A diferença é que a original saiu como livro ilustrado, e não como HQ.



Só que a aventura do livro já era uma adaptação dos tabloides publicados no *Suplemento Juvenil* do *Diário de S. Paulo,* em abril de 1964. Mas, no original, a história não tinha título ainda. Os homens-sorvete viriam só na FTD.

A que saiu aqui, portanto, é a terceira versão e foi redesenhada e adaptada para o gibi. Em 1972, o Astronauta aparecia o tempo todo com o cabelo branco, em vez de loiro. Na *Biblioteca*, foi corrigido.

Mas a curiosidade é que aventura gelada do Astronauta não acaba aqui. Em 1968, quando as suas tiras e tabloides ganharam um tom mais adulto, Mauricio decidiu reutilizar a ideia.

Os infantis homens-sorvete foram eliminados e o povo flamejante foi substituído por outros extraterrestres. O roteiro é bem parecido, com alienígenas que saem em busca de gelo pelo universo. Mas o tom é mais dramático.

O desfecho é praticamente o mesmo. Os invasores retornam ao seu mundo com um belo carregamento de geladeiras.

Antes de ter um elenco de coadjuvantes, Bidu só contracenava com seu eterno amigo Duque. Por isso, era comum vários outros cães anônimos fazerem pontas nas tiras e revistas.

Eles serviam basicamente como apoio para uma piada, uma história ou uma sequência de tiras. Quase todos sumiram com o tempo, mas um ou outro retornava, muitas vezes por causa do estilo de desenho do Mauricio.

O mal-humorado desta edição, por exemplo, parece ser o mesmo que fez ponta em uma tira que saiu na *Ilustrada* em 29 de junho de 1968, mas muito mais simpático e amigável. E ele tinha nome na época: Lulu.

Mais tarde, alguns, de tanto aparecerem, tornaram-se fixos e foram batizados, como Zé Esquecido, Zé Gordão, Fifi, Théo e Rúfius.

Quando Mauricio criou os isolados napões, todos eram praticamente idênticos e tinham a mesma personalidade. A única exceção era o rei, com sua coroa no nariz.

Entretanto, essa visão simplista foi sendo modificada. Eles passaram a ter famílias, com napões, napás e... napinhas.

O napinha é uma das raras histórias do Horácio com título, e um papai napão que se vê encrencado com a curiosidade de seu filho. Parecia até ser uma aventura solo dos napões, mas tudo muda quando Horácio aparece, na segunda metade.

A história, sem o título *O napinha*, foi publicada originalmente na *Folhinha*, em 11 de maio de 1969. Como outras, ela foi adaptada com novos desenhos, cores e diagramação para a revista da Mônica.

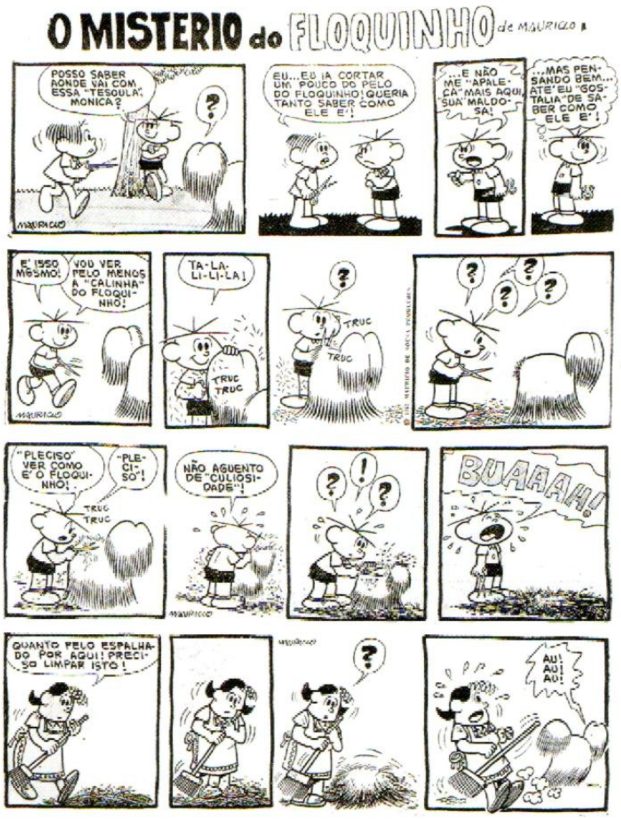
A árvore é completamente surreal para os novos leitores. Afinal, uma árvore crescer nas costas de alguém é algo que não se vê todo dia. Mas, nos anos 1960 e 1970, tudo era possível. Com roteiro de Mauricio de Sousa, é uma das histórias clássicas da fase "além da imaginação" da Turminha.

E esta não foi a primeira vez que Mauricio brincou com a junção de plantas e seus personagens.

Em uma tira de 1965, um pé de couve nasceu atrás das orelhas do Cascão. Em outra, de 1973, foi uma planta qualquer.

Já o Cebolinha viu seus fios de cabelo se transformam em galhos em 1964, e no ano seguinte o menino, literalmente, criou raízes.

Cebolinha volta a se questionar sobre o que se esconde por baixo dos pelos do Floquinho, ou até se ele é um cachorro ou não, em *O grande mistério*. Sai de tudo dali!



O tema, que rende histórias até hoje, começou a ser explorado ainda no tempo das tiras, como se vê nesta compilação publicada na *Folhinha de S.Paulo*, no dia 17 de janeiro de 1965. Foi quando a piada de que não existe nada sob os pelos passou a ser utilizada.

Com o tempo, a dúvida ultrapassou os limites da realidade, e o bicho de estimação do Cebolinha até deixou de ser cachorro em algumas histórias! Dessa forma, o enigma do Floquinho continua.

Outra curiosidade: o trecho da música que o Xaveco canta é *Palmas no portão*, sucesso na época, composta por Walter Dionísio e D'Acri Luiz.

O menino brigão de *Meu pai é o bom!* é mais um personagem que apareceu e sumiu sem deixar aviso. Embora passe uma boa mensagem, a história é datada pelos diálogos, e várias expressões soam como verdadeiras ofensas.

Seu Cebola está bem diferente de seu visual atual: mais gordinho, atarracado e com mais fios de cabelos – que são mais curtinhos.

E não foi a primeira vez que Cebolinha aprontou dessas. Só que, nesta tira de 1974, o pai dele trata de fugir antes de se dar mal.

Mônica # 29 (setembro de 1972)

A novidade de *À Mônica com calinho* é a Magali sozinha no quadro de abertura, algo raríssimo na época. Verdade que ela não é a protagonista, mas era um sinal de que começava a ganhar força.

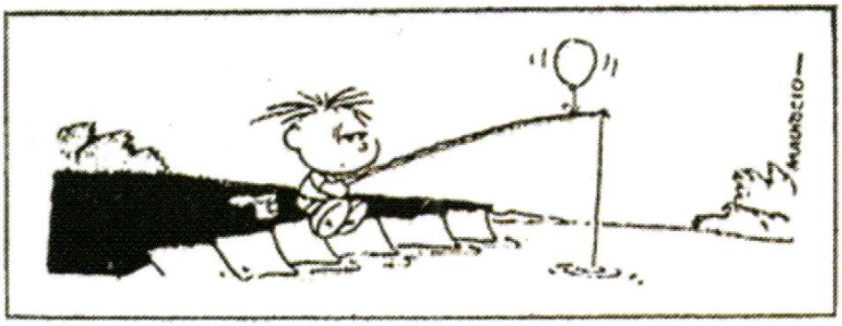
Com roteiro de Mauricio, tem como tema a função do Anjinho de tomar conta da turma, desta vez numa pegada mais leve.

O título é uma adaptação da música *To Sir with love*, tema do filme *Ao mestre com carinho*, que fez muito sucesso em 1967, com Sidney Poitier como protagonista.

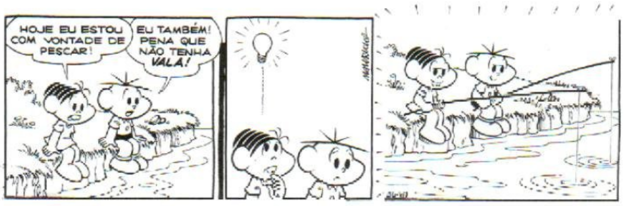
Só que esse negócio de carregar os amigos pra lá e pra cá era comum. Numa tira, publicada em 25 de setembro de 1970, na *Ilustrada*, Mônica diz se sentir como Barbarella, a clássica personagem de quadrinhos criada em 1962 pelo francês Jean-Claude Forest, que ganhou um filme em 1968, no qual foi vivida por Jane Fonda. Já no dia 7 de julho de 1965, a carona foi para o Cebolinha.

Na história seguinte, há uma deliciosa inversão de papéis: é a Mônica que irrita o Cebolinha. Nas décadas de 1960 e 1970, pescar era o *hobby* do Cebolinha, em várias tiras.

Em 20 de abril de 1960, Cebolinha ilustrou uma charge de Mauricio na capa da *Folha de S.Paulo*. Nas tiras, o troca-letras continuou com seu hábito, como na que foi publicada em 26 de fevereiro de 1961.



Aliás, a Mônica, em vez de atrapalhar, já ajudou nas pescarias do Cebolinha, como se vê nesta tira publicada em 25 de outubro de 1974, na *Ilustrada*.



A história do Bidu mistura seus dois universos de novo. O de *pet* e o de personagem humanizado. Afinal, ele escreve!

Mas o mais divertido é mostrar que nem sempre o Bidu é tão pacífico. Basta Franjinha aprontar, que ele vira uma fera.

Como aconteceu também na *Folhinha* de 1° de março de 1964. Observe que os pés do Franjinha não são bem definidos. Em alguns momentos, têm dedos; em outros, não. E, no último quadrinho, são uma mistura dos dois.

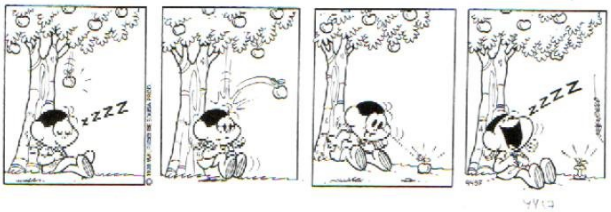
Geralmente mais elaboradas, as aventuras da Turma da Mata eram escritas pelo próprio Mauricio. *A ameaça de pedra* é baseada no mito grego da Medusa, a criatura com a cabeça cheia de serpentes, que transformava quem a visse em pedra.

O "Doutor Tarugo" é porque ele era médico na época. Além disso, um dos filhotes do Coelho Caolho tem nome (Amadeu) e surgem três novos personagens, Zeca Escultor, Chico Quebra-Pedra e Bento Britadeira, para tentar desvendar o mistério.

Em 1976, a história foi transformada em tiras, sendo publicada entre os dias 21 de setembro e 31 de outubro na *Ilustrada*. E não precisou ser redesenhada, bastaram adaptações no *layout*.

A Madame Medusa, criada para esta aventura, lembra muito o estilo dos personagens de Carl Barks, nos quadrinhos da Disney: figuras humanas com focinhos ou cachorros humanizados.

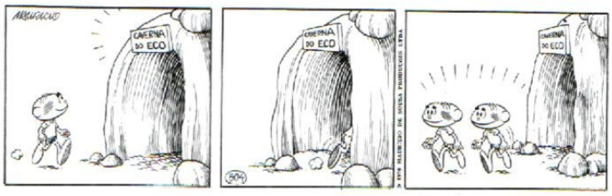
E pra quem gosta de curiosidades: "alto, Mandrake" era uma brincadeira da época em que a criança tinha que ficar dura como uma estátua ao ouvir esta frase.



Na segunda aparição da Magali no gibi, a comilona demonstra o efeito prático da Lei de Newton. Ela protagonizou uma tira semelhante publicada em 1978, que nem precisou de texto.

Vale notar o exagero no tamanho da boca da comilona. Ultimamente, isso é menos utilizado, mas era frequente nos desenhos iniciais do Mauricio.

Niquinho, por exemplo, tinha uma boca enorme, que, diferentemente da dos outros personagens, era voltada para a frente, como se vê nesta tira de 1970.

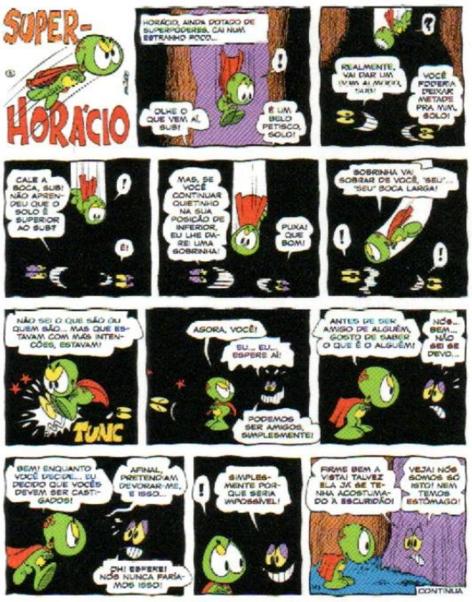


Mauricio adorava cavernas e mistérios, como se comprova, de novo, na história do Super-Horácio. A exemplo do que fez com os monstrinhos Ab e Surdo, de *Mônica 14*, o autor faz outro trocadilho ao batizar os esquisitos Sub e Solo.

E o final enigmático da história sugere a busca de uma nova civilização por seres evoluídos e luminosos. O que eles faziam na Terra e para que precisavam de alguém vivo por tão pouco tempo não é explicado.

Mauricio, bem ao seu estilo, deixa que o leitor tire suas conclusões e imagine o que não está visível, assim como o que existe na escuridão das cavernas.

A história foi originalmente publicada na *Folhinha*, de 16 de agosto a 13 de setembro de 1970. Para o gibi, teve que ser redesenhada.



Antes de surgirem o Rolo e a Pipa, Tina dividia suas histórias com Toneco e outros personagens do seu núcleo. Algumas vezes, até Toim, seu amiguinho incrédulo e pessimista, teve destaque.

Na história desta edição, ele aparece apenas para provar que não tinha tanta má sorte quanto achava. E aconteceu de novo, em 4 de março do mesmo ano, no suplemento *Quadrinho*, da Folha.

Esta é a segunda vez que o Cascão quase vira garoto-propaganda. Na primeira, em *Mônica 1* (e no volume de 1970 da *Biblioteca*), o resultado também não foi lá dos melhores. Aqui, a tentativa beirou uma catástrofe digna de filmes apocalípticos.

Mas nem sempre os fabricantes e vendedores viram no Cascão uma possibilidade de marketing. Alguns simplesmente desistem no primeiro instante, como nesta tira de 15 de fevereiro de 1970.

E outros integrantes da turma também já experimentaram seus instantes de glória diante da tevê. Mônica e Cebolinha não se dão muito bem como astros de um comercial de creme de abóbora na história *Os garotos-propaganda*, publicada em *Mônica* 35, da Abril, em março de 1973.

Magali também não ficou para trás, ao comer todo o chocolate que deveria fazer parte de um comercial, em *Magali vai trabalhar*, que saiu em *Cebolinha* 5, da Abril, em maio de 1973.

O Anjinho mostra, nesta edição, que nem sempre é tão bom morar nas nuvens, principalmente quando bate a ventania. E não foi a primeira vez. Numa tira de 1977, ele demonstra de outro jeito como é difícil lidar com esse problema.

A sentinela do inferno tem texto e arte de Mauricio de Sousa. Desta vez, o poço escuro é lar de um diabinho. Nas antigas histórias da Turminha, esses seres foram representados de várias formas: grandes, fortes, malignos, fracotes, inocentes e até bonzinhos. Houve até uma cadelinha capeta.

Mas diabinhos simpáticos como o desta história não são mais usados atualmente, exceto em participações muito esporádicas.

Dos tantos amigos esquisitos que Cebolinha arrumava nas antigas tiras, houve até um bem questionável, que aparecia até levando broncas do troca-letras.

O "coisa-ruim" geralmente se mantinha escondido e aparecia só no último quadrinho da tira ou do tabloide, como neste à direita, de 19 de março de 1961.

Na última página da edição, o Cascão conta porquinhos (em vez de carneirinhos) para tentar dormir. A piada também foi publicada como tira em 1973.

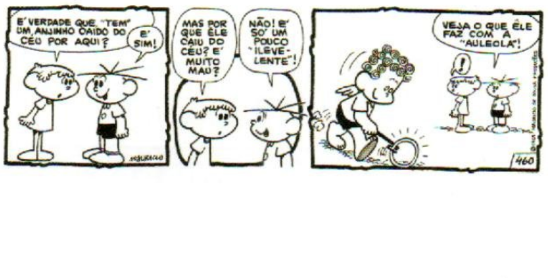
Mônica # 30 (outubro de 1972)

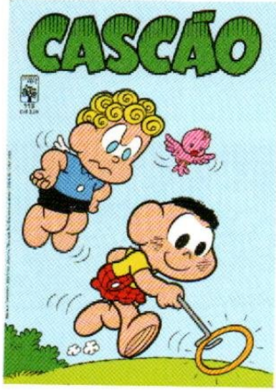
No começo, a Mônica era apenas uma menina ranzinza que distribuía coelhadas. Com o tempo, ficou menos brava e muito mais forte. Era algo nível super-herói, ultrapassando o limite, como se vê em *A dieta da Mônica*.

Hoje, alguns pontos dessa história seriam mudados, como o treinador jogando cinza de charuto na boca do boxeador desmaiado – nem pessoas fumando aparecem mais nos gibis.

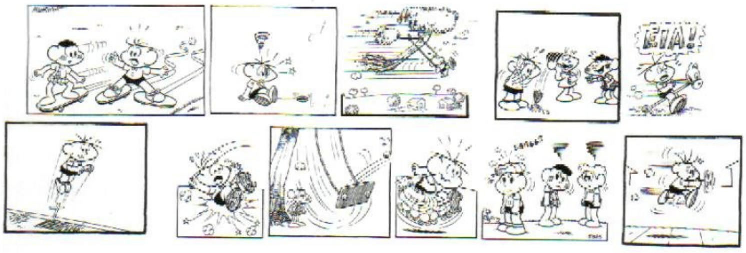
Sobre a força descomunal da Mônica, isso se repetia também nas tiras, como se vê nestas de 1970 e 1971. Ela fazia baliza com halteres e chegou até a fabricar um diamante com as mãos!

.Isso serviu de base por muito tempo, mas em certo momento retrocedeu um pouquinho, deixando-a com força, mas sem superpoderes.





A auréola do Anjinho sempre foi um quebra-galho e motivo de várias *gags*. Como nessas duas tiras publicadas na *Ilustrada*, em 1964 e 1978, e até na capa de *Cascão 113*, da Abril, de dezembro de 1986. A diferença é que, nesta última, é o sujinho que faz a brincadeira.



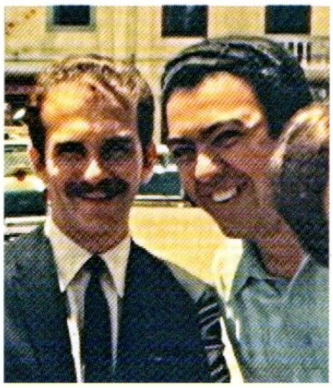
Diversas vezes, um objeto ou uma brincadeira são a inspiração para desenvolver uma história, como acontece em *Cebolinha dá seus pulinhos*, para infelicidade dele e alegria dos leitores.

O Cebolinha, aquele pestinha inocente das primeiras tiras dos anos 1960, deu lugar a um menino esperto, mas às vezes desajeitado, na década seguinte. Em várias tiras, até quando estava brincando, as coisas não terminavam tão bem. Veja na montagem acima.

Era uma vez... Horácio reconta a origem do Horácio no traço dos anos 1970, mas com o texto da década anterior. Por isso, o Horácio só grunhe, não pensa ou fala, como contamos no primeiro volume da *Biblioteca*.

A tira em que o ovo "pica" saiu na *Ilustrada* em 10 de junho de 1961 e depois em outros jornais.

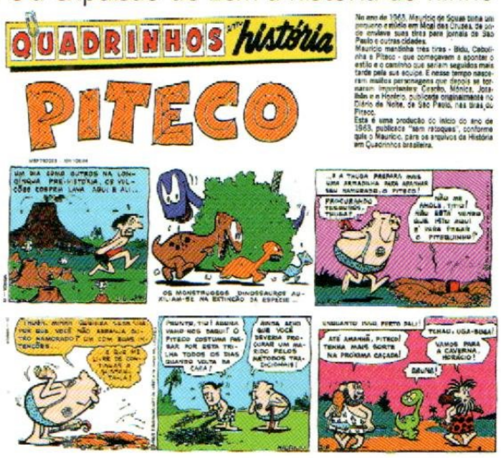
Mauricio já havia refeito a história na *Folhinha*, de março a maio de 1970, com o seu traço da época – veja à direita. Dois anos depois, o autor repetiu a dose, agora para o gibi, e redesenhou novamente!



O simpático dinossauro ganhou seu nome numa homenagem de Mauricio para Horácio da Silveira, que foi professor de História do Instituto de Educação Dr. Washington Luís e da Universidade de Mogi das Cruzes, e se tornou amigo do autor. A foto é do fim dos anos 1960.

Mauricio sempre teve a preocupação de situar novos leitores que vinham descobrindo seus materiais. Outro exemplo disso aconteceu em 1979, quando o autor publicou, em *Mônica 108*, da Abril, uma matéria sobre a origem do Horácio, na seção *Quadrinhos na História*.

O que poucos sabem é que Horácio protagonizou algumas tiras, que ligariam a sua origem e a expulsão de Lem à história do ninho dos pteranodontes, sua primeira aventura solo. Apesar de curiosas, Mauricio decidiu não reutilizá-las. Por isso nunca foram adaptadas para os tabloides.



Mais tarde, Horácio ganharia uma nova história do seu nascimento, num ninho abandonado ao sol, mas já sem a presença do Piteco.

O grilo do Rolo duas estreias e tanto nos gibis. Pipa, no começo, era "careta". Ela surgiu meses antes, no suplemento *Quadrinho*, de 23 de julho de 1972. Vestida de colegial e com jeito certinho, era o antagonismo da turma *hippie* e descolada da época. Por isso, vivia em conflito com a Tina e, principalmente, com o Rolo, por quem tinha uma queda.

Rolo veio logo depois, também no *Quadrinho*. Em 13 de agosto de 1972, ele é confundido com uma flor. Mauricio o batizou com nome de duplo sentido de propósito, tanto pelos seus cachos quanto pelas confusões em que se metia.

O roteiro de Mauricio de Sousa para *Planeta de aço* continua atual. O Astronauta vivia envolvido com alienígenas e mundos bizarros em suas andanças pelo universo. Complexas e com fundo moralista, as aventuras eram mais sérias e adultas, se comparadas ao resto do material do gibi.

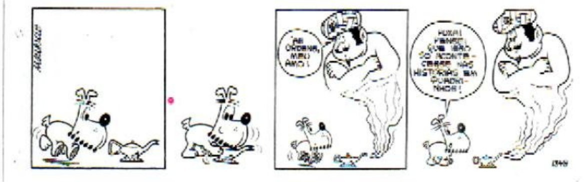
Desta vez, os extraterrestres tinham um aspecto humano. O curioso é que Mauricio já havia usado o visual deles (homens mais velhos, barbudos e carecas) para sábios e ermitões.

Confira alguns exemplos em tiras. Em 1965, na série do Piteco, Bolota recebe um conselho de um deles. Outro faz piada com sua idade para o Cebolinha e o Franjinha, em 1961. E, em 1963, Zé da Roça ficou todo encabulado na frente do Bernardão; e com razão!

A história curta da Magali mostra que o Anjinho não é tão bonzinho e que, às vezes, se comporta como uma criança normal. Incluindo aí as brincadeiras.

A vara de pescar serviu e continua servindo de gancho para várias piadas na mão do personagem, como mostra esta tira publicada em 1979.

Inexplicavelmente, lâmpadas maravilhosas costumavam sempre aparecer no caminho dos personagens do Mauricio. Inclusive, o Bidu já havia encontrado um gênio em algumas tiras de 1970, como nesta de 20 de fevereiro.



Ah, e Rin-Tin-Tin foi um pastor alemão que estrelou um seriado na tevê americana. Foram 164 episódios exibidos de 15 de outubro 1954 a 8 de maio de 1959, e que foram reprisados à exaustão mundo afora.

Em *Controle-se, Mônica!*, a dentucinha tem vários problemas causados pela sua força e seu temperamento. Sobra pra todo mundo, pois, além de brava, ela era um tanto desajeitada.

Magali surgiu como contraponto à Mônica. Doce e suave, desde o início tentava dar bons conselhos à amiga, mas nem sempre funcionava, como se vê nas tiras abaixo, publicadas na *Ilustrada*, nos dias 17 de julho de 1964 e 14 de dezembro de 1967.

Mônica # 31 (novembro de 1972)

Em *Mônica contra o Capitão Feio,* acontece a estreia de ninguém menos que o principal vilão da Turminha. Além de apresentar a origem do personagem, há a revelação bombástica de que ele é tio do Cascão.

Esse parentesco foi abandonado por um bom tempo, mas, durante a saga *Infinitos gibis* (publicada pela Panini, em 2010), que homenageia diversas épocas, foi retomado.

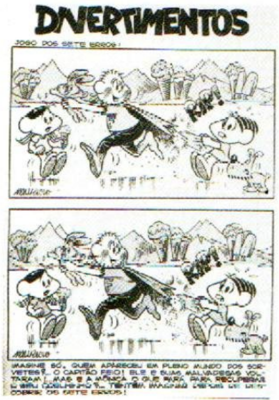
Um detalhe curioso é que ele voltaria a aparecer só como tio do Cascão (sem ser o Capitão Feio) em *Cebolinha* 28, da Editora Abril, de abril de 1975.

O que nem todos sabem é que o vilão surgiu no palco. *Mônica contra o Capitão Feio* foi a primeira peça dos personagens de Mauricio e estreou em São Paulo, em outubro de 1972, com direção de Abelardo Figueiredo. Nela, o personagem se chamava Feitoso, mesmo nome adotado na recente série da Turminha na Globoplay, em que ele é interpretado por Fernando Caruso.

Todas as músicas desse espetáculo foram lançadas em um compacto simples pela Fermata, no mesmo ano. E a origem do Capitão Feio virou desenho animado em *Cinegibi* 5, em 2010.

Percebendo o potencial do personagem, Mauricio de Sousa decidiu de última hora incluí-lo na icônica capa de *Cebolinha* 1, da Abril, que seria lançada dois meses depois, em janeiro de 1973. Só que a edição não traria nenhuma história do personagem. Ele só voltaria a aparecer em *Mônica* 39.

Apesar de ter apenas uma história publicada até então, o Capitão Feio ganhou destaque também nos jornais, como numa página de diversões da *Folhinha,* em 26 de novembro de 1972.



A história do Penadinho nesta edição foi reaproveitada de um tabloide que saiu no *Diário de S. Paulo* em 1967.

Agora, que tal essa versão do Mauricio para os monstros dos filmes da Universal Studios (que inspiraram alguns personagens da Turma do Penadinho), em uma charge que saiu na capa da *Folha de S.Paulo,* em 1966?

A história do Horácio às voltas com sua "mãelancolia" teve sua primeira versão publicada na *Folhinha* em 25 de janeiro de 1970. No gibi, ela foi redesenhada e o texto teve pequenas modificações.

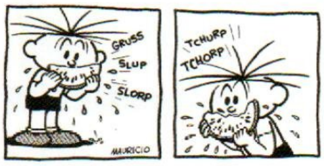
A "mãe" da vez é uma dragão fêmea. Na Pré-História do Mauricio, esses seres conviviam com os dinossauros e tinham os olhos e os focinhos grandes, barbas, chifres e asinhas, bem no estilo do autor.

Nos tabloides, o dragão Haroldo diz "Não devorei!", mas no gibi foi trocado por "Eu não os 'almocei'!", justamente para ser mais condizente com as crianças.

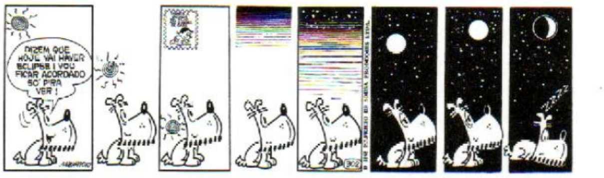
No tempo de *Ai, que fome!*, o apetite da Magali não era tão absurdo. O exagero e a comilança quase sem limites só apareceriam anos depois.

Poucos sabem, mas antes do surgimento da Magali, era do Cebolinha o papel de comilão, na época dos jornais. Apesar de não ser um glutão, ele não desprezava nenhum quitute e podia deixar os amigos na mão, como na tira publicada na *Ilustrada* em 30 de abril de 1961.

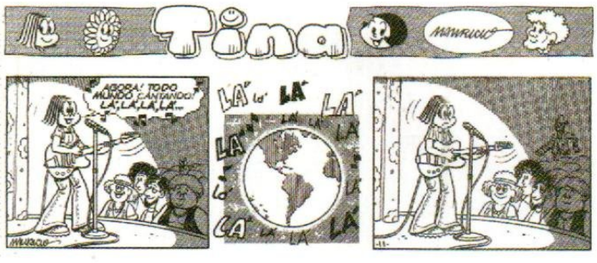
Quer mais? Nas tiras de 2 de março de 1963 e 30 de abril de 1965, Cebolinha devorou uma melancia (no melhor estilo Magali) e uma caixa de bombons, respectivamente.



A história de uma página do Bidu é uma adaptação de uma antiga tira, publicada em 23 de agosto de 1968, na *Ilustrada*. Note que, apesar dos formatos diferentes, nenhum dos oito quadros foi suprimido, mas todos foram remodelados.

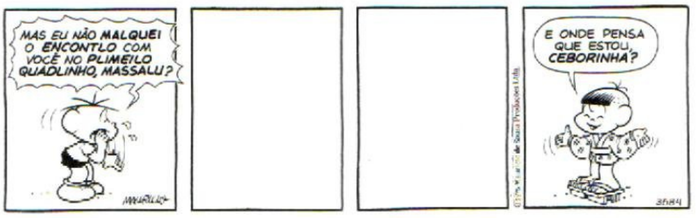


Além das gírias da época, vale destacar o visual dos integrantes da banda do Rolo em *O festival*, todos no estilo bem mauriciano – o percussionista tem o cabelo *à la* Piteco.



Embora hoje sejam bem raros, os festivais de música tomaram todo o Brasil e revelaram grandes artistas nos anos 1960 e 1970.

Muitas histórias antigas desse núcleo de personagens giravam em torno da música, pois o tema sempre rendia boas piadas. Como nesta tira de 1977, em que Tina mostra seu talento para todo o mundo, literalmente.

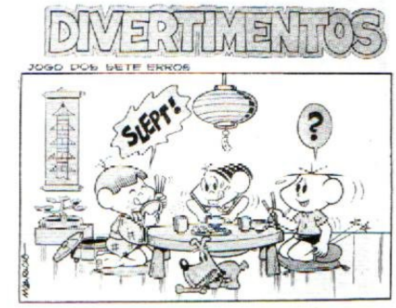


Em *Ceborinha, né?*, acontece a estreia do garoto japonês Massaru, chamado também de Massaro.

A trama, bem simples e cheia de piadinhas, é muito lembrada pelos fãs saudosistas.

O personagem participou de várias tiras do Cebolinha. Sempre explorando as tradições, costumes e idioma japoneses. Massaru passaria a falar português para dar significado às piadas, como nesta da *Ilustrada*, de 13 de dezembro de 1974, numa referência aos mangás, cuja ordem de leitura é da direita para a esquerda.

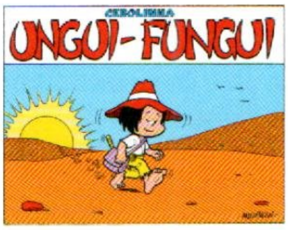
O garoto ganhou uma figurinha especial no álbum da Abril de 1979 e apareceu na página de passatempos da *Folhinha*.



Outros personagens orientais já passearam pelo Limoeiro. Torico fez ponta nas tiras do Cebolinha, como nesta de 21 de janeiro de 1967,

na *Ilustrada*. As piadas incorporavam o humor da época, mas hoje são consideradas depreciativas. Por isso, não são mais usadas.

Em setembro de 1975, foi a vez do Ungui-Fungui, em *Cebolinha 33*, da Abril. Baseado na série de tevê de sucesso da época, *Kung Fu*, ele também teve figurinha no álbum de 1979.



A simpática japonesa Mitiko apareceu em *Cebolinha 15*, da Editora Globo, em maio de 1988. Mesmo sem falar português, conseguiu fazer amizade com a Turminha.

E em junho de 2008, enfim Massaru voltou a aparecer nos gibis. Em *Mônica 18*, da Panini, relembrou sua estreia e apresentou o Tikara e a Keika, os novos personagens criados por Mauricio para comemorar o centenário da imigração japonesa ao Brasil.

Além de participar de algumas histórias nos gibis, a duplinha também marcou presença em diversas tiras.

Mônica # 32 (dezembro de 1972)

Pelo terceiro ano, a criançada comemorava o Natal na revista da Mônica. *Árvore de Natal* mantém esse clima com uma ponta de mistério. Como Cebolinha, Cascão e Bidu foram parar naquele deserto? E por que Mônica e Magali não os reconhecem?

Intrigante e típica do estilo do Mauricio, mostra que a preocupação com o meio ambiente sempre esteve presente nas aventuras da *Turminha*.

Um tema semelhante foi abordado na série de tiras *A nuvem da meia-noite*, da Turma da Mata, quando Rei Leonino se vê sozinho em um ambiente deserto e sem vida. A história saiu na *Ilustrada* de 7 de junho a 6 de julho de 1975.

Quem nunca passou por uma crise de riso como a do Cebolinha levante a mão! Histórias centradas em uma piada ou onomatopeia, com o próprio título servindo de referência, eram bem comuns naquela época.

Mas o troca-letras ao menos conseguiu terminar a piada, diferentemente do que aconteceu nesta tira publicada na *Ilustrada* em 25 de abril de 1969.

Enfim, os leitores do gibi conheceram a origem do Super-Horácio e como ele ganhou seus poderes. Lucinda até faz uma breve participação, mas o foco da trama se passa em um reino estranho, com referências à história de King Kong.

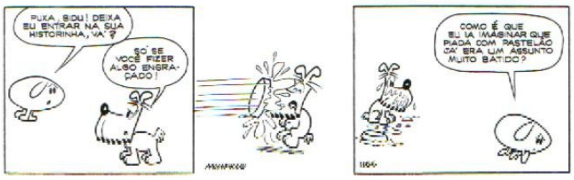
Nos jornais, esta foi a primeira história da versão heroica do dinossaurinho, e saiu na *Folhinha de S.Paulo*, de 28 de junho a 9 de agosto de 1970, além de ter sido republicada em *Horácio Completo*, da Pipoca & Nanquim.

Os novos desenhos e cores trouxeram diferenças. Na versão original, o povo narigudo era amarelo, já nos gibis, marrom. E o Macaco Trovão também ganhou novos tons.

Em *"Olha eu" aqui, gente!*, acontece a grande estreia da revista: Bugu. Os bordões "alô, mamãe" e "tchau, mamãe" já aparecem aqui, mas o chute final só seria acrescentado mais tarde.

Hoje é de se estranhar como um ovo com patas possa ser um cachorro, mas nos anos 1970, todos os personagens do Mauricio eram bastante estilizados.

Na verdade, Bugu era o alter ego de Marcio Araujo, irmão do Mauricio, querendo aparecer nas histórias para dar seu alô para a mãe e mostrar que também estava por ali.

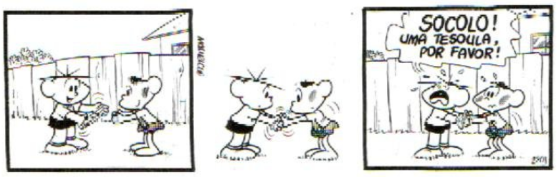


O personagem fez sua primeira aparição na *Ilustrada*, numa tira em 16 de julho de 1969. O interessante é que, por não o conhecer bem, Bidu era mais complacente.

Bugu voltaria a dar as caras nos gibis em agosto de 1973, em *Cebolinha 8*, da Abril. Só que estava laranja! Mas logo retornaria ao amarelo.

Por fim, foi em *Mônica 43*, lançada em novembro do mesmo ano, que Bugu andou sobre duas patas, se aproximando mais do personagem que conhecemos hoje.

Mais uma história de pescaria, desta vez com o Chico Bento. Mauricio adorava o tema, que já era bastante utilizado nas aventuras do Hiroshi e Zezinho. Este tabloide, de agosto de 1963, saiu na revista *Coopercotia*, quando o caipirinha era um mero coadjuvante da dupla.



O joguinho de *O Embaraço* foi muito popular no início dos anos 1970. Chamado de "cama de gato", consistia em criar desenhos com o barbante nos dedos, enquanto outra criança tinha que pegar o barbante sem desmanchar o desenho e formar outro. E seguia assim até alguém cansar ou errar.

A brincadeira rendeu piadas também nas tiras, como nesta de 27 de março de 1970, na *Ilustrada*. Mas a confusão envolveu o Cascão.

Em 1972, *Mônica 32* veio com um brinde para os fãs da revista: um cartão de Natal com toda a Turma desejando um feliz Natal. Na época, muitas crianças do país inteiro o enviaram para amigos, mas outras o guardaram como lembrança até hoje.

Biblioteca Mauricio de Sousa

Mauricio de Sousa Editora
Panini Comics

ISBN 978-65-5982-540-0
9 786559 825400
ACHTM003
© MSP - BRASIL / 2022
Aconselhável para maiores de 14 anos

3

1972

mônica

Biblioteca
Mauricio
de Sousa

Panini Comics